

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

A SERRALHARIA INFORMAL NA CIDADE DE MAPUTO

(Um Estudo de Caso)

Trabalho para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia

JULIETA DOMINGAS MUCHINE

Maputo, Outubro de 1996

GT-35

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**A SERRALHARIA INFORMAL NA CIDADE DE MAPUTO**

(Um Estudo de Caso)

**"Dissertação Apresentada em Cumprimento  
Parcial dos Requisitos Exigidos  
para a Obtenção do grau de Licenciatura  
da Universidade Eduardo Mondlane"**

**JULIETA DOMINGAS MUCHINE**

**Maputo, Outubro de 1996**

*dp*

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 26 122
DATA 27/10/1996
ADMISSÃO 020.70
GT-35

683.2  
M942 A

## DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que esta Dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## AGRADECIMENTOS

Expresso os meus agradecimentos a todos que de algum modo, deram a sua colaboração e apoio para a realização deste trabalho, especialmente à dra. Ximena de Andrade, supervisora principal, que coordenou todo o trabalho desde a concepção do projecto de tese até à elaboração do texto final.

Não posso igualmente deixar de agradecer à Dra. Mercedes Pedrero, pelo apoio no fornecimento de bibliografia sobre o tema, e, sobretudo pelas sugestões dadas na estruturação do trabalho.

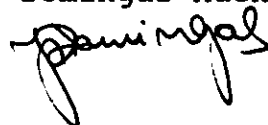
Do mesmo modo quero agradecer ao dr. Yussuf Adam, pelas sugestões e enriquecimento do trabalho. Devo ainda o meu obrigado à dra. Virgília Matabele pela correcção ortográfica e de linguagem.

Quero também agradecer ao meu colega do curso dr. Carlos Arnaldo, pelo apoio dado na programação e processamento dos dados do inquérito, bem como a sua participação como inquiridor, codificador e digitador.

Aos meus colegas do curso de Geografia, António Miambo, Arão Balata e Alberto Cossa, pela sua participação no inquérito como Inquiridores, codificadores e digitadores.

Finalmente, o meu agradecimento às seguintes instituições: Distritos Urbanos nº 2, 3, 4 e 5, Empresa Multivendas, Sofemol, IDIL e outros.

Julietta Domingas Muchine



<b>CAPITULO 1</b>	<b>2</b>
1.1.INTRODUÇÃO	2
1.2.FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	5
1.3.METODOLOGIA	8
1.3.1.DEFINIÇÃO DE TERMOS USADOS	10
1.3.2.Abreviaturas	13
<b>CAPITULO 2..DIVISÃO ADMINISTRATIVA E CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL DA CIDADE DE MAPUTO</b>	<b>14</b>
2.1. DIVISAO ADMINISTRATIVA	14
2.2.CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL	15
<b>CAPITULO 3..BREVE CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DE SECTOR INFORMAL</b>	<b>19</b>
<b>CAPITULO 4..CARACTERISTICAS DOS PATROES E TRABALHADORES ASSALARIADOS</b>	<b>27</b>
4.1. PATROES	27
4.2.TRABALHADORES ASSALARIADOS	33
4.3.DISTRIBUICAO ESPACIAL DAS UNIDADES DE PRODUCAO	37
4.4.Localização da Matéria-Prima e Mercado	38
4.5.Unidades de Produção: Suas Características Sócio/Económicas	41
4.5.1.Tipo de Instalações	41
4.5.2.Preços da Matéria Prima e Produto final	45
4.6.Exercício da Actividade: Forma de Organização	48
4.7.Relações Inter-Sectoriais da Indústria de Serralharia Informal	53
<b>CAPITULO 5..Dificuldades Enfrentadas pelo Sector Informal na cidade de Maputo</b>	<b>56</b>
<b>CAPITULO 6</b>	<b>57</b>
<b>CONCLUSOES</b>	<b>57</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>61</b>

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DADOS PARA A DEFINIÇÃO DA AMOSTRA.....	8
QUADRO 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS BAIRROS POR DISTRITOS URBANOS....	14
QUADRO 3 - DENSIDADE POPULACIONAL DE ALGUNS BAIRROS INQUIRIDOS.....	17
QUADRO 4 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PATROES POR LOCAIS DE NACIMENTO.....	27
QUADRO 4A - FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS PATROES.....	30
QUADRO 5 - EMPREGOS ANTERIORES DOS PATROES.....	31
QUADRO 6 - MOTIVOS QUE DITATAM O ABANDONO DOS EMPREGOS ANTERIORES (PATROES).....	32
QUADRO 7 - TEMPO DE TRABALHO DOS TRABALHADORES NA MICRO-EMPRESA.....	35
QUADRO 8 - MOTIVOS QUE LEVARAM A MUDANÇA DE EMPREGO (TRABALHADORES).....	39
QUADRO 9 - NUMERO DE MICRO-EMPRESAS INQUIRIDAS POR BAIRROS...	40
QUADRO 10 - DISTANCIA ENTRE EMPRESA E LOCAL DA MAT. PRIMA....	43
QUADRO 11 - RELAÇÃO LOCALIZAÇÃO EMPRESA/RESIDENCIA PATRÃO....	48
QUADRO 12 - VARIAÇÃO DOS PREÇOS MEDIOS DE PRODUTOS ACABADOS..	51

QUADRO 13 - SITUAÇÃO LEGAL DAS EMPRESAS.....	54
QUADRO 14 - VANTAGEM NO LICENCIAMENTO.....	55
QUADRO 15 - DESVANTAGEM NO LICENCIAMENTO DE EMPRESAS.....	57

## **L I S T A D O S M A P A S**

**MAPA 1 - CIDADE DE MAPUTO**

**MAPA 2 - LOCALIZAÇÃO GEOGRAFICA DA CIDADE DE MAPUTO**

**MAPA 3 - DIVISÃO POLITICO-ADMINISTRATIVA DA CIDADE DE MAPUTO**

**MAPA 4 - DENSIDADE POPULACIONAL POR DISTRITOS URBANOS (MAPUTO)**

**MAPA 5 - LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DOS BAIRROS DA CIDADE DE MAPUTO**

**MAPA 6 - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS EMPRESAS POS BAIRROS**



**A N E X O S**

**ANEXO 1 - INQUERITO AOS SERRALHEIROS DO SECTOR INFORMAL**

## RESUMO

A indústria informal de serralharia na cidade de Maputo é uma actividade antiga, sempre exercida por pequenos operários. A sua importância reside no facto de produzir bens intermediários para o apoio a outras indústrias, além de abastecer o mercado em bens de uso imediato.

O objectivo deste estudo, é conhecer os aspectos particulares daquela indústria informal, sua importância social, bem como as relações inter-sectoriais e territoriais envolvidas na actividade.

O estudo foi feito em 15 bairros da cidade de Maputo e contemplou 50 micro-empresas, das 70 identificadas. A metodologia de trabalho consistiu na utilização das técnicas de observação intensiva, consulta bibliográfica e documental. Através da técnica de questionário, foi feito um levantamento de dados nas áreas objecto de estudo. Como complemento da recolha de dados foram entrevistados informadores-chave constituídos por instituições e empresas ligadas ao sector informal. O método cartográfico constituiu o suporte para a localização e identificação das relações espaciais na indústria de serralharia.

O presente trabalho, é desenvolvido em seis capítulos.

No primeiro, apresentam-se os objectivos e a metodologia utilizada no trabalho.

No segundo, faz-se uma breve caracterização ambiental dos bairros da cidade de Maputo, onde está inserida a área de estudo.

No capítulo três, faz-se uma caracterização e definição de sector informal.

O capítulo quatro, destina-se à análise da actividade informal de serralharia, as condições em que ela se desenvolve, situação sócio-económico-organizativa das serralharias, características profissionais e demográficas dos seus trabalhadores, bem como as relações inter-sectoriais que se estabelecem com outros sectores.

Finalmente, nos capítulos cinco e seis, são apresentadas algumas dificuldades que o sector informal enfrenta e as conclusões do estudo.

As principais conclusões tiradas deste estudo são:

1- A maior parte da força de trabalho afecta ao sector informal de serralharia, é constituída por trabalhadores desempregados e desvinculados do sector formal da economia, devido ao redimensionamento das empresas no âmbito do PRE. O exercício da actividade de serralharia, ainda que de modo informal, não é improvisado e requer uma formação mínima dos trabalhadores a ela afecta. Não é feito uso sistemático de força de trabalho infantil.

2) Verificam-se relações de dependência e complementariedade

entre o sector informal e formal da economia. O sector informal sobrevive e continua porque existem trabalhadores desempregados e sectores que fornecem matéria prima a preço acessível (sem pagamento de imposto).

Por sua vez, a sobrevivência do sector formal depende "desvio" de matéria prima para o informal.

# A INDÚSTRIA INFORMAL DE SERRALHARIA NA CIDADE DE MAPUTO

## CAPITULO 1

### 1.1.INTRODUÇÃO

Nos países do Terceiro Mundo, a redução das desigualdades sociais, do desemprego, da pobreza; a criação de bases para o usufruto dos mais elementares serviços de saúde e educação; a provisão de alimentos e a ampliação das oportunidades económicas e sociais da população, constituem as metas a alcançar no âmbito do desenvolvimento (Cavalcanti, 1989). Contudo, estes propósitos são muitas vezes ofuscados por entraves criados pela própria condição de subdesenvolvimento.

Um dos obstáculos que se mostram incompatíveis com as aspirações de melhoria de vida da população é o desemprego. A falta de oportunidades de emprego muitas vezes leva à procura de alternativas de geração de rendimentos, independentemente de serem ínfimos os seus resultados.

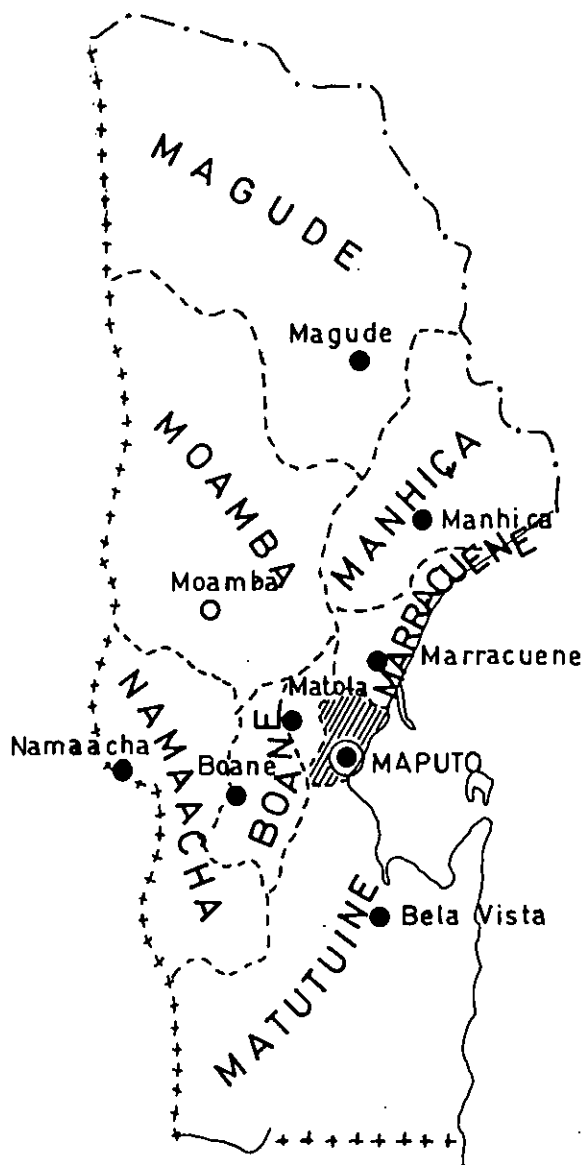
Neste contexto, surgem como formas de sobrevivência, entre outras, a prestação de serviços e a produção informal de bens de consumo.

A indústria informal de serralharia, é o tema objecto deste estudo que se debruça na análise da indústria de serralharia na cidade de Maputo. Foram contemplados neste trabalho os bairros da Mafalala, Chamanculo A e B, Malanga, Xipamanine, Aeroporto A e B, Luis Cabral, Bagamoio, Malhazine, 25 de Junho A, Maxaquene B e C e Polana Caniço A (mapa 5).


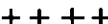
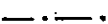




A serralharia, faz parte do sub-sector da metalo-mecânica ligeira e das poucas indústrias que permite uma produção em moldes informais apesar de exigir uma mão-de-obra com um grau de especialização relativamente alto, comparado com outras actividades do sector familiar. A importância da

# PROVÍNCIA DE MAPUTO

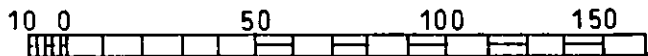
## LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA CIDADE DE MAPUTO



### LEGENDA

-  ----- Cidade de Maputo
-  + + + + + Limite de Fronteira
-  - . - . - . Limite de Provincia
-  - - - - - Limite de Distrito
-  ----- Capital de Provincia
-  ----- Sede do Distrito
-  ----- Rio

ESCALA 1:2.000.000



serralharia informal reside na ocupação da força de trabalho desempregada e na geração de receitas, além do fornecimento de produtos a um preço baixo comparado com o praticado no sector formal em produtos similares. Isto torna-o compatível com o reduzido poder de compra da população. É também importante notar que através dos produtos que a serralharia proporciona, ela presta apoio a outras actividades, como é o caso do comércio, transporte a pequenas distâncias, construção, etc.

Dentre os produtos que advém da serralharia informal destacam-se as grades de protecção, as portas metálicas, os transportadores de carga, os "Xchova Xita Duma", as estruturas metálicas para montagem dos "Take Away", os carrinhos metálicos rolantes para os vendedores ambulantes, máquinas de fazer tijolos para construção etc. Além destes produtos, são produzidas catanas, facas, pás, picaretas, ancinhos<sup>1</sup>, chaves<sup>2</sup>, etc.

A procura das grades de protecção, portas, trancos e travessas de ferro, está ligada à tentativa da população se auto defender de acções criminosas. Os "Take Away", carrinhos de mão e os "Xchova Xita Duma" contribuem para a prestação de serviços à população.

A indústria informal de serralharia, encontra-se disseminada nas principais cidades do país. Mas, não obstante a sua importância, não é feita uma divulgação massiva de estudos e acções concretas de produção pelas instituições vocacionadas ao seu apoio.

- **objectivo geral** do presente estudo é conhecer as especificidades do sector informal da indústria de serralharia na cidade de Maputo, sua importância, bem como o conhecimento das relações territoriais e económicas envolvidas nesta indústria.

---

<sup>1</sup>/ Estes e outros produtos não constam do inquérito realizado por necessidade da sua limitação pois o número seria elevado para a capacidade de inquirição e processamento.

<sup>2</sup>/ fabrico de chaves, não foi contemplado no estudo por imperativos ligados à minha segurança pessoal. É de referir que a crescente onda de roubo de viaturas, assalto às residências, poderão passar pela falsificação de chaves, pressupondo-se que os criminosos estejam em conexão com esta actividade.

**Os objectivos específicos visam:**

1. Identificar e caracterizar as formas de surgimento deste tipo de indústria, seu suporte em termos de matérias primas e os destinatários dos produtos finais;
2. Localizar geograficamente as serralharias;
3. Identificar os factores que determinam a distribuição espacial das serralharias;
4. Analisar as relações espaciais e económicas que se estabelecem entre as micro-empresas de serralharia do sector informal e os consumidores dos seus produtos.
5. Explicar as ligações inter-sectoriais deste tipo de indústria, bem como as possíveis relações de dependência e/ou complementariedade com o sector formal da economia;
6. Identificar o tipo de força de trabalho envolvido no sector.
7. Conhecer a sua proveniência e localização espacial e os factores que levam as pessoas a escolher o emprego no sector informal de serralharia;
8. Inventariar os tipos de problemas que a indústria de serralharia enfrenta.

Para alcançar os objectivos deste estudo, o tema tem 6 capítulos. No primeiro, além da introdução e formulação do problema objecto de investigação, faz-se referência à metodologia utilizada. Uma breve caracterização físico/ambiental dos bairros da cidade de Maputo está contemplada no capítulo dois.

No capítulo três, faz-se uma caracterização do que se entende por sector informal.



# CIDADE DE MAPUTO

LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DOS BAIRROS DA CIDADE DE MAPUTO  
POR DISTRITOS URBANOS

Area de Estudo



No capítulo quarto analisa-se a relação entre a localização espacial das unidades de produção de serralharia com o local de aquisição da matéria prima. Estabelece-se também outra relação entre a localização das unidades de produção com a dos consumidores, bem como dos trabalhadores e proprietários daquelas micro-empresas.

É também abordada a situação sócio-económico-organizativa das serralharias ligando-a às características profissionais e demográficas dos seus trabalhadores. No capítulo seis são colocadas algumas dificuldades que o sector informal de serralharia enfrenta. No capítulo sete apresentam-se as conclusões do estudo.

## **1.2.FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

A micro indústria exercida de forma artesanal, por conta própria e em unidades familiares, é uma actividade que remonta de longa data, principalmente nas cidades do país.

A indústria de serralharia envolve reduzido número de trabalhadores e exige mão-de-obra com um grau de especialização relativamente alto quando comparada com outras actividades do sector familiar. Por isto, é um ofício que não pode ser exercido por qualquer trabalhador como é o caso da venda de géneros alimentícios no "Dumba Nengue".

É uma actividade antiga que persiste fruto da importância e procura dos seus produtos pela população. Ferreira, (1968) afirma a este respeito que "os artífices e artesãos, embora sendo uma classe de trabalhadores por conta própria muito menos numerosa que os pequenos negociantes e vendedores, desempenha pela sua maior especialização, papel importante entre as actividades económicas independentes que se dispersam pelos subúrbios. As diversas profissões exercidas não ultrapassam a dezena e adaptam-se às necessidades mais instantes da população africana".

O móbil do exercício desta actividade que ultrapassava a mera necessidade de sobrevivência é influenciada pela existência de procura dos

seus produtos. Nos tempos passados, os trabalhadores informais eram designados por "biscateiros" e a sua actividade era exercida por subempregados, na tentativa de aumentar os seus proventos mensais.

O contexto actual em que se desenvolvem e proliferam as actividades informais de serralharia, é outro e está em conexão com a procura de meios de subsistência por parte da população desempregada.

Nesta óptica, importa pois distanciar a actividade industrial por conta própria do fenómeno desemprego, e economia subterrânea ou paralela.

Tem sido habitual ao analisarem-se os factores que determinam o surgimento do sector formal, fazer-se referência às migrações campo-cidade motivadas pela guerra que assolou o país levando ao desemprego grande parte da população economicamente activa (De Vletter, 1992).

Essa referência é muitas vezes generalizada a todas as actividades partindo do comércio no "Dumba Nengue" às indústrias nas pequenas oficinas por conta própria. Coloca-se neste caso a necessidade de conhecer que especificidade existe quanto à origem da serralharia informal neste contexto.

Uma reflexão sobre a localização destas unidades é outra questão a considerar tendo em atenção as teorias de localização existentes, as características das micro-empresas de serralharia e a motivação que leva ao seu surgimento.

Deste modo, sintetizando, consideraria que:

Os factores que intervêm na localização geográfica de uma actividade industrial são de natureza física e económica, e variam no espaço e no tempo;

Os factores de localização trazem consigo implícita uma relação espacial e económica entre diversas unidades de produção e mercado;

A base fundamental da persistência na continuidade do sector informal de serralharia na cidade de Maputo é a necessidade de ocupação da força de trabalho desempregada e conseqüente geração de receitas para a sobrevivência da população ;

A composição da força de trabalho, tipo de treinamento que é a nível familiar ou no trabalho, a sua proveniência e a relação de parentesco entre patrão e empregados na indústria de serralharia, obedece a uma certa especificidade, nomeadamente no que se refere à idade, sexo, formação etc.

A existência e continuidade do sector informal de serralharia, depende também do sector formal no que respeita ao fornecimento da matéria prima e respectiva procura;

Por conseguinte, o presente estudo partirá dos seguintes pressupostos:

- A existência da produção informal de bens na indústria de serralharia, é fruto do excedente de mão-de-obra que procura naquele sector um meio de sobrevivência;
- A localização do sector informal da indústria de serralharia na cidade de Maputo obedece a factores conjunturais tais como, a concentração de população desempregada oriunda das empresas formais e não da migração campo -cidade.
- Há uma tendência de concentração espacial da actividade industrial de serralharia nos bairros onde se localiza a maioria dos trabalhadores considerando que é lá onde se regista maior procura de produtos;
- Neste tipo de actividade estabelece-se uma relação de dependência inter-sectorial ou seja, entre o sector formal de serralharia e o sector informal da mesma actividade, em especial no que se refere ao aprovisionamento e preço da matéria prima;

- Poderão também existir relações de complementariedade entre o sector informal de serralharia e informal de transporte e ainda o informal de serviços;
- A informalidade considerada com base na falta de registo oficial de micro-empresas, é fictícia e não constitui factor de diferenciação ou benefício para aquelas unidades de produção.

### **1.3.METODOLOGIA**

A actividade preliminar do estudo consistiu na pesquisa documental e bibliográfica em bibliotecas, instituições públicas e privadas, além da consulta de revistas, pretendendo-se deste modo, um suporte teórico para a abordagem inicial do tema. Porém, a escassez de informação documentada sobre o desenvolvimento da indústria de serralharia informal e sua quantificação em termos de unidades de produção existentes, dificultou o conhecimento do universo a tomar em consideração no estudo.

Possivelmente no próximo recenseamento da população previsto para 1997 se poderá conhecer o número de pessoas que trabalham neste sector.

A definição da amostra fez-se com base num levantamento de empresas existentes por distritos urbanos e por bairros. Este levantamento que teve por objectivo localizar geográficamente o universo que iria servir de base para o estudo, deparou com factores limitativos ligados ao orçamento da pesquisa, e a intransitabilidade das vias de acesso às micro-empresas. Foram deste modo, inventariadas 70 micro-unidades de produção em 4 dos 5 distritos urbanos da cidade de Maputo. O Distrito Urbano nº 1 não foi contemplado no estudo devido a problemas ligados à indisponibilidade de informações.

A amostra que serviu de base ao estudo foi de 50 unidades de produção distribuídas por 15 bairros. O critério adoptado para a definição da amostra



baseou-se na densidade demográfica dos bairros. Pretendeu-se que o maior número de bairros contemplados no estudo pertencesse aos distritos urbanos mais densamente povoados na base do pressuposto anteriormente mencionado sobre a orientação espacial da indústria de serralharia nos locais de existência de mercado.

Como se poderá observar no quadro nº 1, dos 50 bairros existentes na cidade de Maputo, foram contemplados 15, o que representa 28,8% do total. Tendo sido identificadas 70 micro-empresas de serralharia informal naqueles bairros, foram objecto de inquérito 50 delas, o que corresponde a 61,7% do total desses bairros. Considera-se portanto, uma amostra representativa.

### QUADRO Nº 1

#### Dados para a Definição da Amostra

DISTRITOS URBANOS	POPULAÇÃO	Nº BAIRROS EXISTENTES	Nº BAIRROS INQUIRIDOS	Nº EMP. IDENTIFICADAS	Nº EMP. INQUIRIDAS
D. U. nº 1	160 000	11	-	-	-
D. U. nº 2	156 181	10	5	28	20
D. U. nº 3	168 914	8	4	24	14
D. U. nº 4	132 429	9	1	12	3
D. U. nº 5	172 318	12	5	18	14
TOTAL	789 842	50	15	70	50

Fonte: Dados do inquérito aos serralheiros informais - 1995

Deste modo, foram escolhidas entre quatro a seis micro-empresas por cada bairro mais densamente povoado e duas unidades nos restantes bairros.

Procedeu-se desta forma, na impossibilidade de dispor de dados de um recenseamento económico de indústrias de serralharia, na posse do qual se identificariam as micro-empresas, objecto deste estudo. Outra possibilidade de

conhecer a força de trabalho afecta a este sector consistiria no uso de uma amostra de tamanho significativo resultante de um inquérito ligado ao emprego, donde se poderia distinguir a população ocupada nas micro-empresas.

O levantamento de dados foi feito por inquérito dirigido a patrões e trabalhadores do sector informal (anexo 1). O inquérito lançado sob a forma de questionário, possui no total 64 perguntas das quais 6 abertas e 58 fechadas. A formulação das perguntas obedeceu à necessidade de permitir aos inquiridos a emissão de opiniões de forma não padronizada, o que poderia despertar a iniciativa criadora e enriquecer a análise. O grande número de perguntas fechadas, facilitou seu processamento informatizado.

Ainda no tocante à recolha de informação, foi utilizada a técnica de entrevista não estruturada a entidades vocacionadas ao apoio de micro-empresas e também a unidades do sector formal que se dedicam à indústria de serralharia e outras cuja vocação é a venda a grosso e retalho de matéria prima e insumos para esta indústria. Isto visou a análise comparativa da informação colhida no levantamento de campo e na de organismos oficiais.

O processamento da informação recolhida nas perguntas abertas e fechadas, baseou-se nos métodos qualitativo e quantitativo. Neste último método, também foi feito o cruzamento de variáveis com vista a estabelecer diversas relações.

A análise quantitativa foi precedida de processamento informatizado que permitiu fazer, além de outras operações, um cruzamento de variáveis.

### **1.3.1.DEFINIÇÃO DE TERMOS USADOS**

Ao longo deste estudo foram utilizados alguns termos, que a seguir se definem:

**Indústria** - Também designada por actividade "secundária" é o acto de transformar por meio de um certo trabalho, objectos em bruto em objectos que tenham uma aplicação. R. Blanchard, citado por Mn Veyret in Geografia Humana, Derruau, Max, II - 2º volume, Editorial Presença - Lisboa, 1973

**Serralharia** - Actividade que procede ao trabalho de metais à mão por meio de máquinas-ferramentas adequadas, efectuando-se as operações que completam e finalizam o fabrico de peças metálicas. in Manual de serralheiro, N. Makienko, Editora MIR, 1983

**Subsistência** - Conjunto de meios necessários para o sustento ou a manutenção da vida humana. In Cachero, Luís citando H. P. Fairchild - Dicionário de Sociologia, México, FCE, 1949

**Sector Privado:** A parte da economia que não está directamente sob o controle do Estado. Para além das actividades produtivas das empresas privadas, o sector privado inclui também as actividades económicas de organizações não lucrativas e de particulares, sendo estes algumas vezes referidos como sector pessoal (Dicionário de Economia. Editora "verbo" Graham, Bannock, R.E. Baxter e Ray Rees - 1987, Lisboa/São Paulo).

**Micro-Empresa:** Empresa gerida de um modo pessoal pelos seus proprietários ou sócios e que detém apenas uma pequena quota do mercado em que se encontra.(Dicionário de Economia. Editora "verbo" Graham, Bannock, R.E. Baxter e Ray Rees - 1987, Lisboa/São Paulo).

Neste trabalho, considera-se micro-empresa toda a unidade de produção cuja propriedade é pessoal ou colectiva, dedicando-se à produção de pequena escala, e empregando até um máximo de 5 trabalhadores.

**Economia Subterrânea:** Parte da actividade económica de um país que não aparece registada nas estatísticas oficiais se bem que envolva a produção



de bens e serviços (Dicionário de Economia. Editora "verbo" Graham, Bannock, R.E. Baxter e Ray Rees - 1987, Lisboa/São Paulo).

**Concorrência:** Políticas que um vendedor pode usar para atrair clientes de vendedores rivais mas que não envolvam redução de preços (Dicionário de Economia. Editora "verbo" Graham, Bannock, R.E. Baxter e Ray Rees - 1987, Lisboa/São Paulo).

**Escassez:** Insuficiência quantitativa de bens ou recursos para satisfazer a procura. In Cachero, Luís citando H. P. Fairchild - Dicionário de Sociologia, México, FCE, 1949

**Trabalhador por Conta Própria:** Todo o indivíduo que ao exercer a sua actividade o faz sem empregados e que o rendimento do seu trabalho reverte para si. Considera-se também trabalhador por conta própria aquele que trabalha com familiares que não recebem nenhuma remuneração (CNP - DNE. Relatório sobre o inquérito as famílias na cidade de Maputo, Volume I - nº 3, Setembro 1993).

**Evasão Fiscal** - Consiste na ocultação pelo contribuinte de parte ou totalidade da matéria coletável ao fisco. O contribuinte não a declara ou declara menos do que a que possui; não indica ou indica erradamente os índices que a determinam. in "Lições de Finanças" públicas, Ribeiro, José J. Teixeira, 1991, 4ª edição, Coimbra pp 332-333.

**Subemprego** - O sub-emprego existe quando o emprego de uma pessoa é alternativo tendo em conta a sua qualificação ocupacional (capacidade e experiência laboral). OIT (1988) citado por Farroq & ofosu.

**Patrão** - Proprietário ou representante legal de uma unidade de produção de qualquer dimensão.

### 1.3.2. Abreviaturas

Neste sub-capítulo descrevem-se para melhor compreensão, as diversas abreviaturas utilizadas no presente trabalho.

IDIL - Instituto de Desenvolvimento da Indústria Local

GAPI - Gabinete de Apoio às Pequenas Empresas

BIT - Bureau International du Travail

OIT - Organização Internacional do Trabalho

DINAGECA - Direcção Nacional de Geografia e Cadastro

DNE - Direcção Nacional de Estatística

PREALC - Programa Regional Del Empleo para América Latina y El Caribe

PRE - Programa de Reajustamento Económico

MULEIDE - Mulher e Desenvolvimento

CNP - Comissão Nacional do Plano

UEM - Universidade Eduardo Mondlane

DU's - Distritos Urbanos

INPF - Instituto Nacional de Planificação Física

SIAP - Sociedade Inter-americana de Planificação

Emp 1 - Empresa 1,      Emp 2 - Empresa 2

## CAPITULO 2

### DIVISÃO ADMINISTRATIVA E CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL DA CIDADE DE MAPUTO

A cidade de Maputo localiza-se a 26° 05' de latitude Sul e 32° 35' de longitude Este (INPF), 1985). A delimitação actual da área da cidade abrange 675 Km<sup>2</sup> a Norte e Sul da baía e inclui a ilha da Inhaca (Nhachungue, 1990).

Esta cidade fazendo parte da grande planície meridional moçambicana, é limitada a Oeste pelo vale do Infulene que a separa da Província de Maputo, e, a Este, pelo oceano Indico. A parte Norte não apresenta um limite natural que a ajude a demarcar com precisão. No entanto, o distrito de Marracuene constitui o seu limite Norte.(ver Mapa 1).

#### 2.1. DIVISAO ADMINISTRATIVA

Ao seleccionar-se a área de estudo, teve-se em consideração a divisão administrativa estabelecida em 1986 (INPF), 1987) que organiza a cidade de Maputo em cinco distritos urbanos, os DU's nº um, dois, três, quatro, e cinco. Estão incluídos nesta divisão a "cidade de cimento" e os subúrbios estruturados em 50 bairros. (ver quadro 2 e mapa nº 2) .

QUADRO 2  
DISTRIBUICAO DOS BAIRROS POR DISTRITOS URBANOS  
(Cidade de Maputo)

DU 1	DU 2	DU 3	DU 4	DU 5
Alto Maé A	Aeroporto A	Mafalala	Costa do Sol	Jardim
Alto Maé B	Aeroporto B	Maxaquene A	Laulane	Luis Cabral
Central A	Chamanculo A	Maxaquene B	Mahotas	Inhagóia A
Central B	Chamanculo B	Maxaquene C	Mavalane A	Inhagóia B
Central C	Chamanculo C	Maxaquene D	Mavalane B	Nsalene
Polana C. A	Chamanculo D	P. Cimento A	Hulene A	25 Junho A
Polana C. B	Malanga	P. Cimento B	Hulene A	25 Junho B
Coop	Minkandjuine	Urbanização	Hulene B	Bagamoyo
Sommershiold	Unidade 7		Albasine	J. Dimitrov
Malhangale.A	Xipamanine		FPLM	Malhazine
Malhangale.B				Zimpeto
				Magoanine

Fonte: Dados Obtidos nos Distritos Urbanos - 1995

## **2.2. Caracterização Ambiental<sup>3</sup>**

As áreas residenciais, industriais, de transporte, verdes e de recreação e semi-naturais e tipos urbanos especiais (dos Muchangos, 1985), constituem as várias formas de ocupação do espaço na cidade de Maputo.

A estrutura de ocupação urbana diferencia-se segundo se trate de núcleo da cidade, subúrbio e periferia urbana.

O núcleo da cidade abrange a cidade baixa localizada a Nordeste da cidade de Maputo e ocupa todo o centro denominado por cidade histórica.

Na cidade alta é onde se localiza a maioria dos edifícios públicos e estão disseminadas áreas com funções sociais de recreio e de protecção à paisagem. A periferia urbana que segundo Dos Muchangos, (1985), também se designa por savana em uso, apresenta características rurais e urbanas porque se combinam formas de uso do solo do campo e da cidade.

A zona suburbana onde se localiza a área do presente estudo, espalha-se a seguir ao núcleo em direcção à periferia numa área superior àquela. Coexistem nesta zona, áreas residenciais com empresas industriais, quintais, áreas de recreação e muitas outras formas de ocupação do espaço (dos Muchangos, 1985).

O aspecto típico é a aglomeração e compactação de casas de caniço evidenciando grande intensificação na transformação da natureza.

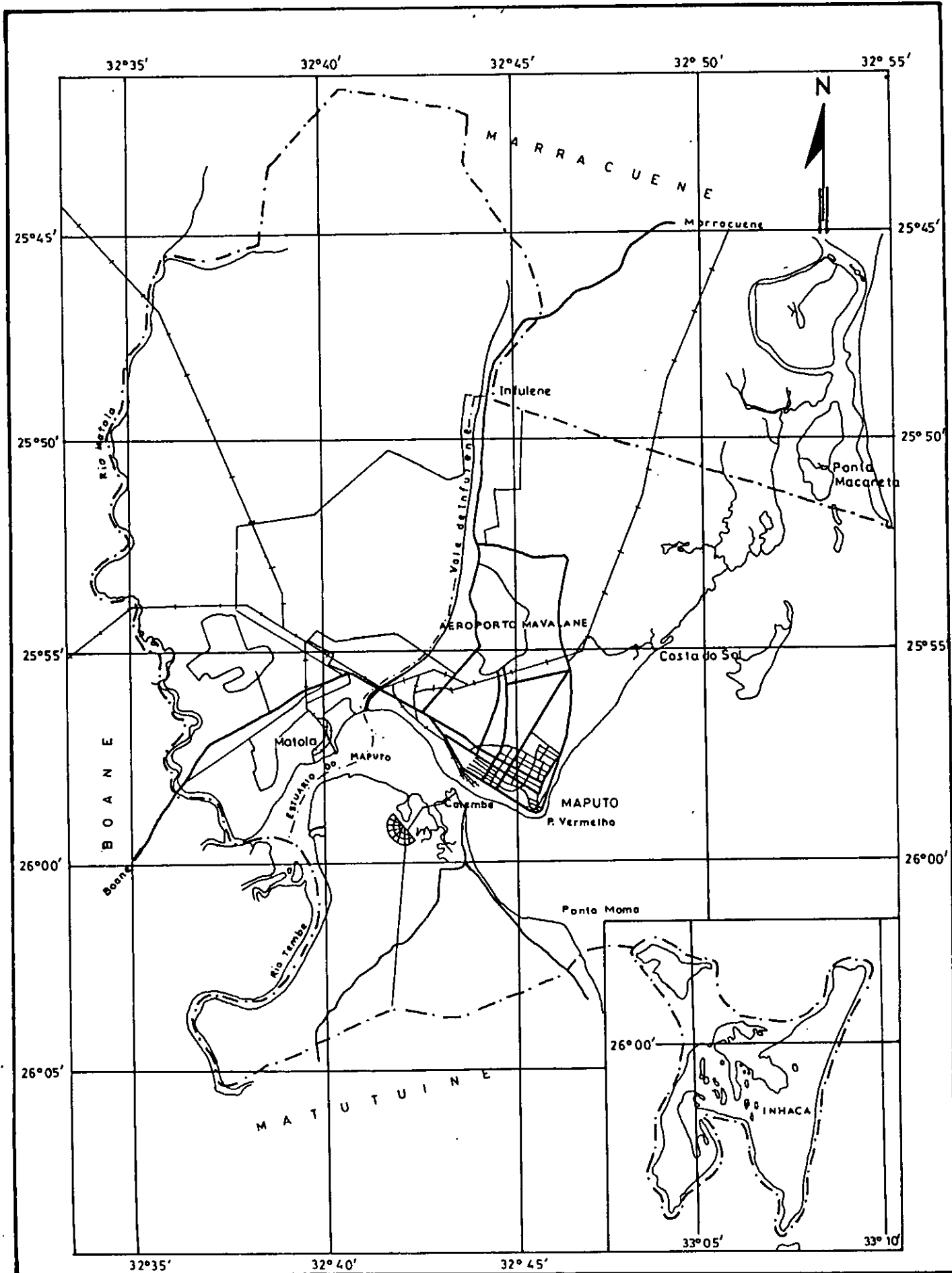
Esta zona apresenta algumas áreas estáveis com edificações e outras áreas instáveis. As primeiras com o decorrer do tempo consolidam-se e adquirem resistência quando sujeitas a fenómenos naturais adversos e, por outro lado o elevado grau de cobertura da superfície do solo pelas edificações resulta na transformação do meio ambiente.

---

<sup>3</sup>/ Para esta caracterização foi fundamentalmente usado o texto de Aniceto dos Muchangos, 1985.

# Mapa 1

## CIDADE DE MAPUTO



- Limite da Cidade
- ▨ Área Urbana Ocupada

ESCALA: ≈ 1/200 000  
Fonte: DNH 1982

As áreas instáveis ocupam a maior parte do subúrbio e denotam destruição de vegetação e da cobertura do solo, contaminação das águas subterrâneas por matérias orgânicas.

Para as áreas circundantes e não só, em grande parte da cidade, esta contaminação é mais séria a partir das lixeiras, sobretudo devido ao elevado nível das águas subterrâneas que se regista na bacia-A (Munhana) e áreas vizinhas (Dos Muchangos, 1985). Nas lixeiras é depositado variado tipo de produtos cujo conteúdo se infiltra nas águas superficiais e subterrâneas. Isto é agravado pelas cheias na época das chuvas que tornam temporariamente intransitáveis algumas áreas.

De todos os impactos da acção do homem na biosfera, o mais alarmante é o índice de crescimento da poluição (Nhachungue, 1990).

A poluição das águas superficiais e subterrâneas pelas águas residuais constitui um dos problemas fundamentais da Gestão do Meio Ambiente na Cidade de Maputo. A consequência imediata da poluição é a limitação do seu uso quer para o abastecimento da população quer para outros fins (Dos Muchangos, 1985).

As principais fontes de poluição das águas são os esgotos, os resíduos industriais, domésticos e agrícolas e a actividade ferro-portuária.

O nível de eficiência do sistema de esgoto da cidade de Maputo não corresponde às actuais exigências, pois a sua expansão não acompanhou o crescimento da cidade e suas funções. As cheias e alagamentos atrás referidas, em especial nas zonas baixas, permanecem durante muito tempo alagadas devido ao deficiente funcionamento dos esgotos. Isto constitui uma ameaça à saúde pública.

Dos Muchangos,(1985), refere que naquelas zonas é de se esperar uma significativa contaminação das águas subterrâneas, tanto pela utilização de latrinas como pela infiltração das águas residuais.

A densidade populacional que sobretudo nos bairros suburbanos localizados próximos do núcleo da cidade atinge e ultrapassa por vezes os 200 hab/ha (dos Muchangos, 1985), agrava os problemas ambientais e sociais que aqui se colocam. (ver quadro nº 3 e mapa4) .

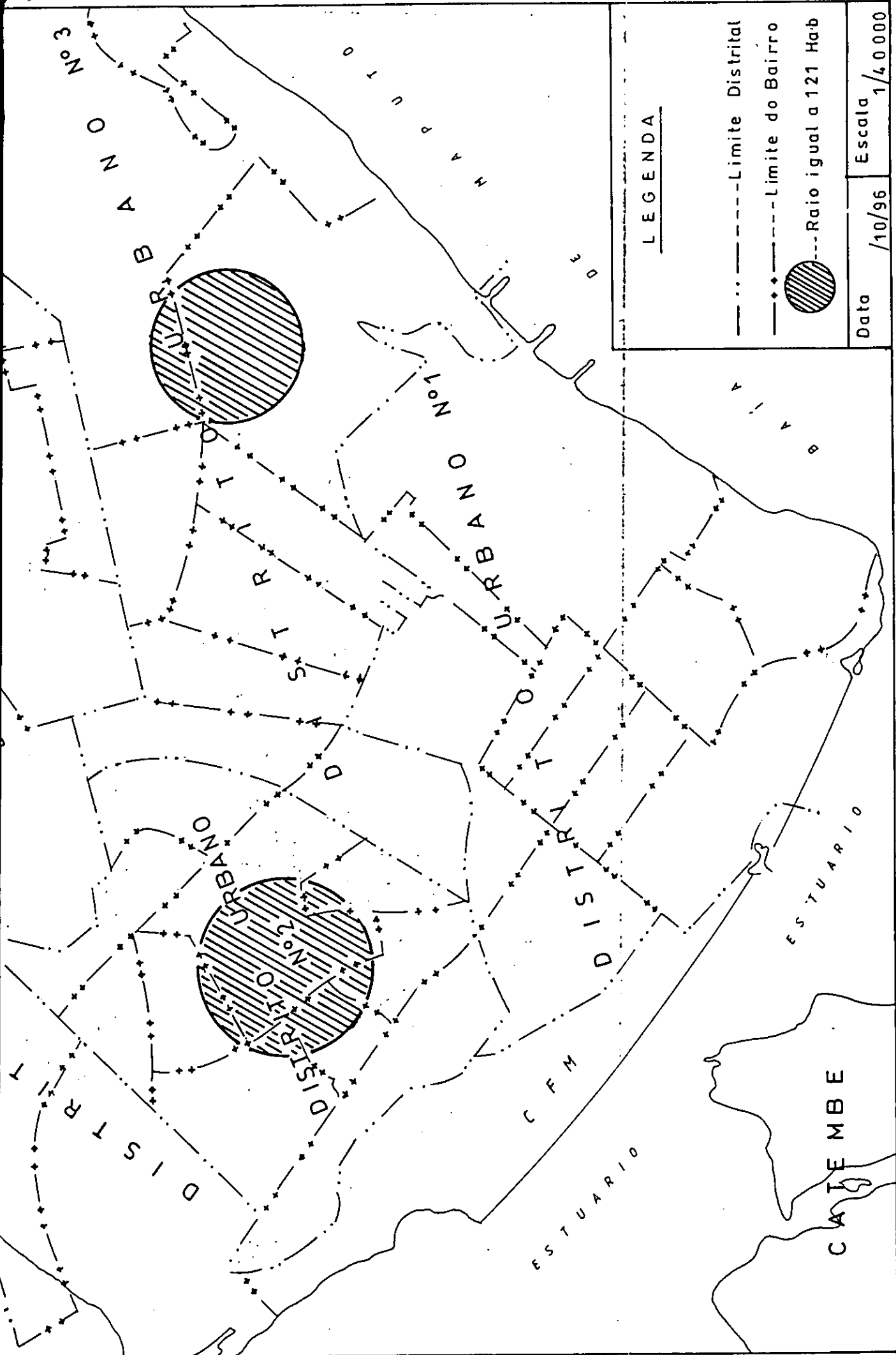
### QUADRO Nº 3

#### DENSIDADE POPULACIONAL DE ALGUNS BAIRROS INQUIRIDOS

BAIRROS	POPULAÇÃO	AREA HABIT.(ha)	DENSID ADE (hab/ha)
Aeroporto A	17 101	50	342
Aeroporto B	15 770	60	263
Xipamanine	21 693	110	197
Chamanculo A	14 058	40	351
Chamanculo B	10 870	30	362
Chamanculo C	27 399	60	457
Chamanculo D	13 801	38	353
Unidade 7	9049	25	362
Malanga	17 790	70	297

*Fonte: Direcção de Aguas da Cidade de Maputo, 1993*

A poluição sonora e do ar e sonora são notórios nalguns bairros da cidade, sobretudo devido à concentração no subúrbio das funções residenciais e industriais. O ruído gerado durante a actividade de serralharia e outras que



LEGENDA

- Limite Distrital
- - - Limite do Bairro
- Raio igual a 121 Hab

Data /10/96 Escala 1/40.000



Mapa 4

CIDADE DE MAPUTO

DENSIDADE POPULACIONAL POR DISTRITOS URBANOS  
DE ÁREA DE ESTUDO



procedem à transformação de metais, afecta a saúde e gera problemas psicológicos no ser humano.

Os desperdícios resultantes do corte de metais, nem sempre são devidamente aproveitados ou colectados para posterior destruição. Isto contribui para a destruição do solo, da vegetação, e dos processos naturais. São portanto, introduzidos elementos estranhos no meio natural que alteram as condições inicialmente existentes.

Os desperdícios de metais, o ruído, a contaminação da água, mostram em parte a influência da acção antropogénica na alteração do meio natural. As actividades da indústria informal de serralharia são afectadas pelas consequências negativas da alteração do meio ambiente.

## CAPITULO 3

### BREVE CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DE SECTOR INFORMAL

O sector informal de uma forma geral, tem origem, na insuficiente oferta de bens, na escassa oferta de serviços, no desemprego e subemprego da população trabalhadora.

O desemprego, que pode ser entendido no sentido da "exclusão laboral de alguém com capacidade de trabalho" (SIAP, 1990), manifesta-se por uma absoluta carência de fontes de trabalho formais. Pessoas na situação de desemprego são as que mais procuram o trabalho informal dada a sua situação de desocupados. O subemprego, identifica aquele segmento da força de trabalho que está ocupado menos horas do que as que o trabalhador estaria disposto a dar se o mercado de trabalho correspondente as proporcionasse (SIAP, 1990)<sup>4</sup>. Esta situação de subemprego contribui também, para a drenagem de trabalhadores para o sector informal. Neste caso, trata-se da procura de um meio de preencher a jornada completa de trabalho e também conseguir um adicional salarial, já que a remuneração adquirida no sector formal, na teoria e na prática corresponde a metade de um salário de jornada completa.

O sector informal de uma forma geral, aparece espontâneamente pressionado pela sobre oferta de mão-de-obra, constatada no mercado do trabalho formal, fruto da recessão económica e no caso do nosso país da migração campo-cidade levada a cabo durante a guerra. Este sector resulta de uma auto-criação de formas de ocupação que garantam a subsistência sobretudo das camadas desprivilegiadas da população (Andrade, 1993).

As actividades informais apresentam uma grande heterogeneidade na composição e manifestação dos fenómenos a ele ligados. Este aspecto, de capital importância na caracterização e delimitação daquele sector, dificulta

---

<sup>4</sup> Sociedade Inter-americana de Planificação

uma generalização e mesmo quando ela é possível, encontra-se com frequência margem para uma contestação.

A manifesta imprecisão na definição de sector informal leva a inferir a necessidade de desenvolver uma definição própria para um estudo particular no contexto em que o sector informal surge e se desenvolve.

De Vletter, (1991), afirma a este propósito que sector informal "Sabemos o que é quando vemos". Confrontando-nos com a referida heterogeneidade de fenómenos, contudo, é possível encontrar aspectos comuns a cada forma de manifestação do sector informal o que permite uma definição mais próxima da realidade.

Os critérios usualmente utilizados para a caracterização do sector informal são: o lugar onde se realizam as actividades, população envolvida, motivação, o seu tipo de formação, elementos do agregado familiar nele envolvidos, capital envolvido, tipo de actividades e tamanho das unidades de produção, produtividade das unidades de produção, participação do trabalho na renda familiar, regime jurídico das actividades informais, entre outros aspectos.

Analisando o sector informal sob o aspecto jurídico, Cavalcanti, (1978) identifica o sector formal como uma actividade não regulamentada e marginal à economia moderna.

Do mesmo modo, Sandhop, (1991), evocando estudos feitos pela OIT, considera que "o sector informal é composto de unidades económicas que funcionam fora do quadro administrativo, legal ou estatístico".

Nesta condição de ilegalidade cria-se um mercado informal de emprego em que predominam relações de trabalho também não regulamentadas, com trabalhadores adquirindo aptidões profissionais fora do sistema de educação formal.

A facilidade de entrada e mobilidade do emprego caracterizam o sector informal (seja qual for o tipo de actividade), devido à baixa rigidez estrutural existente, daí a sua denominação pelo Banco Mundial e algumas organizações da ONU como sector não estruturado<sup>5</sup>.

A entrada no sector informal sem registo nem obediência ao salário mínimo e leis sobre previdência social contribui para aquela falta de rigidez. Na verdade, segundo refere a (SIAP, 1990) trata-se de um espaço produtivo muito aberto à entrada de novos trabalhadores. Em condições de excesso relativo de mão-de-obra é um sector quase passivo de recepção de força de trabalho sobrando do sector moderno.

A fragilidade dos laços que ligam o patrão ao assalariado, o baixo salário, as condições de trabalho da força de trabalho afecta ao sector informal são precários, já que pelas características próprias do sector, não se cumprem as leis de segurança, higiene e salubridade. Os objectivos a assegurar com o ingresso e permanência dos trabalhadores no sector, são as possibilidades de subsistência.

O rendimento oscilatório, trabalho ocasional e uma manifesta ocupação da força de trabalho de forma bastante instável testemunham segundo (Cavalcanti, 1978) o quão frágil e instável é esta actividade.

O licenciamento do exercício de actividade é uma das formas de legalização das micro-empresas informais que é usada para delimitar informal do formal. Pressupõe-se que as micro-empresas licenciadas paguem impostos, cumpram com todas as leis laborais e beneficiem de crédito bancário. Contudo, como nem todas as micro-empresas cumprem com esta obrigação à semelhança das não licenciadas, o critério de delimitação é discutível. Embora o critério da Delimitação seja importante, não toma em consideração que há empresas minimamente estruturadas, mas não licenciadas, não obstante

---

<sup>5</sup>/ Este termo surgiu pela primeira vez da constatação por uma missão de estudo das Nações Unidas enviada ao Kênia, segundo a qual, naquele país o verdadeiro problema não era o desemprego, mas sim a existência de uma

serem de pequena dimensão, com menos de 5 trabalhadores e do tipo artesanal.

Num estudo feito pela OIT, considera-se que o não cumprimento das normas laborais vigentes pelo sector informal, é o resultado de operar informalmente e não o contrário. Nem todas as unidades que não pagam impostos são informais pois de contrário considerar-se-iam nessa designação empresas modernas de grande dimensão que praticam a evasão tributária ou violam as leis laborais.

Daqui surge a necessidade de distanciamento do sector informal com economia subterrânea, pois embora sejam conceitos próximos, não são idênticos. Depreende-se pois, segundo o PREALC, (1987) que a característica fundamental do sector informal neste contexto, é a sua incapacidade real de dar cumprimento às normas vigentes, não obstante a vontade de as cumprir.

Santos, (1994), considera também que a ausência de controlo estatal conjugada com o facto de não existir um objectivo deliberado de evasão fiscal, constitui o critério decisivo para a delimitação do sector informal da economia subterrânea ou paralela.

Outra das características importantes do sector informal, é o **tamanho e dimensão da produção** das micro-empresas do sector informal. Trata-se de unidades pequenas e simples, e não enfrentam obstáculos institucionais e tecnológicos para a sua instalação.

Estas unidades de produção passam despercebidas nas contas nacionais, não obstante o seu significativo contributo na absorção de força de trabalho, produção de bens e geração de receitas. Contrariamente, nas actividades agrícolas, os agricultores são tomados em conta na determinação da População Economicamente Activa.

---

*importante população de "trabalhadores pobres" que se esforçam por produzir bens e serviços sem que a sua actividade seja reconhecida, registada, protegida ou regulamentada pelo governo (BIT, 1991).*

O tamanho das micro-empresas informais é considerado por (Cavalcanti, 1978) um "exemplo de atomização da oferta de unidades cujo grande número se faz acompanhar de escalas simples e graus ínfimos de capitalização".

Há também casos de referência à economia ou transacções de pequena escala como característica do sector informal. Críticas podem ser tecidas a este respeito pois a experiência mostra que são transaccionados produtos fora do âmbito do negócio de pequena escala, tais como, carros, mobílias, aparelhagens, entre outros.

As pequenas oficinas industriais de serralharia exigem um pequeno capital. No entanto, ele é superior ao das actividades de venda de produtos alimentares, ou outros no género. É uma actividade cujo exercício é acessível a qualquer pessoa sem capital inicial significativo (GAPI, 1994). Porém, nota-se que a reprodução do capital empregue nesta indústria é lenta, ao contrário do que acontece com a venda de produtos no "Dumba Nengue" em molhos.

A **população envolvida** no sector informal é do estrato etário mais jovem e mais velho, utilizando-se predominantemente mão-de-obra feminina e considerável número de crianças. Estatísticas oficiais divulgadas pela OIT revelam que a nível mundial a quantidade de mulheres envolvidas no sector informal é superior à média das existentes no formal. Esta é uma realidade própria das actividades de comércio, dado que, no concernente à indústria, o tipo de população envolvida é diferente, como poderemos ver em capítulos posteriores.

A **divisão técnica do trabalho** reduz-se ao mínimo e é comum o baixo nível educacional e de capacitação profissional formal dos trabalhadores afectos a este sector.

Em termos do **tipo de actividade**, conquanto seja evidente que, o sector informal tenha como característica fundamental a oferta de serviços, não

é menos verdade que há na esfera daquele segmento da economia, actividades produtoras de bens contando-se dentre elas, oficinas de carpintaria, latoaria, fundições, fábricas domésticas de confecções e de serralharia, motivo deste estudo.

É comum considerar-se que todos os indivíduos afectos ao sector informal procuram nele um meio de sobrevivência, ignorando que existem elementos da população exercendo uma actividade bem remunerada, e que praticam negócio a descoberto das normas jurídicas (Rodrigues, 1994). Neste aspecto julga-se pertinente a diferenciação deste tipo de informalidade que é característica da economia subterrânea, referida na definição de (Santos, 1994).

A seguir se apresentam algumas definições que contemplam aspectos inseridos caracterização atrás feita.

A PREALC, (1991), define o sector informal como uma actividade não registada que recorre a técnicas de utilização intensiva da força de trabalho, fuga ao pagamento de imposto, ausência de licenciamento e utilização em grande escala de mão-de-obra feminina e infantil.

Por sua vez Santos, (1994), considera que o sector informal agrupa "as unidades económicas envolvidas na actividade de produção de bens e serviços desenvolvida em pequena escala, de forma artesanal, sem separação da propriedade de factores de produção (trabalho e capital), baixo nível de organização e tendo por objectivo a criação de emprego e rendimento".

Aquele autor refere também que "as unidades de produção que integram o sector assumem as características de empresas familiares em que não há lugar a um património próprio da unidade de produção. A actividade exercida por estas unidades não tem por objectivo a evasão fiscal".



Nesta última definição emerge uma questão fundamental, a não separação do trabalho e capital, o que pressupõe a não existência de património próprio da unidade de produção. Esta característica é importante pois é a razão da existência e continuidade do sector informal (Cavalcanti, 1978). Confundem-se a propriedade do capital com o trabalho, quando a actividade é exercida por conta própria, sem trabalhadores assalariados.

Esta definição não é abrangente e completa e não permite fuga ao subjectivismo na delimitação e identificação do sector.

De Vletter, (1992), refere o sector informal como estando associado a instalações precárias, falta de higiene, equipamento obsoleto, baixa produtividade, produção sem qualidade e receitas marginais.

A maioria das abordagens por nós consultadas, sobre o sector informal, põem em evidência a complexidade e multidimensionalidade que caracteriza aquele sector, daí que, alguns autores ao invés de o definir, limitam-se a caracterizá-lo indicando as suas principais razões e implicações.

Posto isto, e tendo em atenção a caracterização feita quanto ao sector informal, cremos que para o caso de Moçambique, a definição mais aproximada, embora com alguns reparos, é a de Santos, (1994) atrás referida. Ela não coloca o aspecto jurídico como delimitativo, indo desse modo ao encontro da realidade.

Neste estudo, consideram-se informais todas as empresas ou unidades de produção que operam com um máximo de 5 trabalhadores mas que apresentam como características, produção de pequena escala, de forma artesanal, baixo nível de organização e tendo por objectivo a criação de emprego e rendimento. As micro-empresas que integram o sector são em nome individual e a actividade desenvolvida não tem por propósito a evasão fiscal, o não pagamento de taxas ao sistema de segurança social ou a

infracção de normas vigentes de carácter regulador nos mercados de bens e serviços e do trabalho.

Na indústria e no caso da de serralharia, como se poderá ver mais adiante, há manifestações próprias quanto ao tipo e proveniência da força de trabalho, grau de qualificação técnico-profissional, entre outros aspectos.

## CAPITULO 4

### CARACTERISTICAS DOS PATROES E TRABALHADORES ASSALARIADOS

#### 4.1. PATROES

Os patrões ou proprietários das unidades de produção inquiridas, são do sexo masculino, o que denota uma grande preferência ou habilidade masculina pela actividade de serralharia.

As suas idades estão compreendidas entre 17 e 60 anos. O grupo etário apresentando um número significativo de indivíduos é o de 45-49 anos, com 14, seguindo-se o de 30-34 com 9. Apresentam sete e seis indivíduos, os grupos de 40-44 e 35-39, respectivamente.

A idade média dos patrões, considerando um total de 50, é de 39,9. Trata-se de indivíduos cuja idade pode ser considerada "madura" e conseqüentemente de indivíduos com certa responsabilidade profissional e experiência.

98% dos patrões são naturais do sul do país, distribuídos pelas províncias de Inhambane, 38%, Gaza, 30%, Maputo-Província, 20% e cidade de Maputo, 10%. Os naturais de Gaza, ocupam o segundo lugar em termos de proveniência (ver quadro 4).

QUADRO Nº 4  
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PATRÕES POR  
LOCAIS DE NASCIMENTO

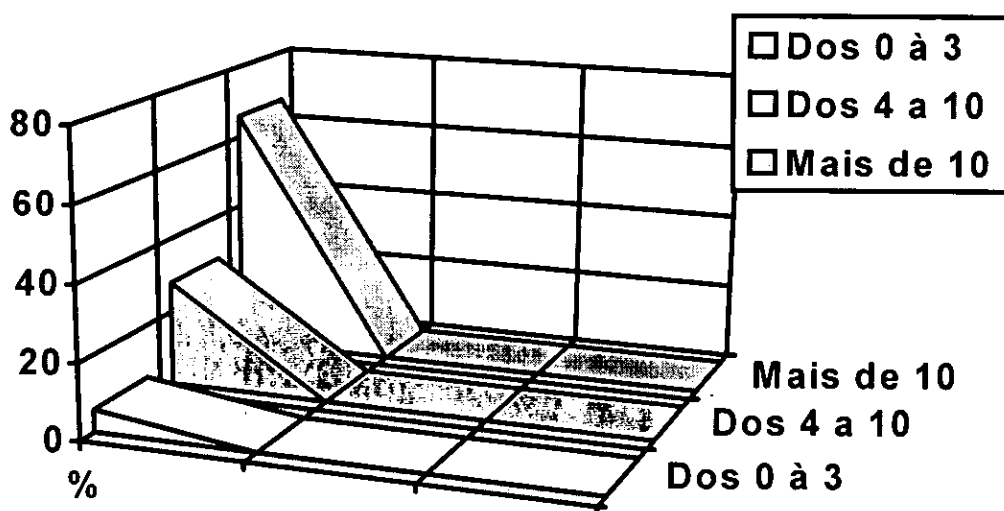
Província de Origem	Percentagem de Patrões
Nampula	2.0
Inhambane	38.0
Gaza	30.0
Maputo-Província	20.0
Maputo Cidade	10.0

Fonte: Elaborado a partir de dados do inquérito aos serralheiros - 1995

Tendo em atenção que todos os patrões da amostra em análise se encontram estabelecidos em Maputo, verifica-se que só 10% tenham nascido no local em que desenvolve a sua actividade, a cidade de Maputo.

Gráfico Nº 1

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO TEMPO DE RESIDENCIA DOS PATRÕES INQUIRIDOS



*Fonte: Elaborado a partir de dados obtidos no inquérito aos serralheiros, 1995*

66% dos patrões, são residentes há mais de 10 anos na cidade; 28% deles residem na cidade entre quatro a 10 anos e apenas 6% residem na capital há menos de 4 anos. Isto revela que, tomando como ponto de referência o ano de 1987, ano de introdução do PRE, não se coloca a hipótese dos patrões terem migrado do campo para a cidade, mas sim tratar-se de trabalhadores que já viviam em Maputo, onde trabalham (ver gráfico 1).

Os proprietários das micro-empresas são na sua maioria (98%), serralheiros civis ou mecânicos e tem uma profissão ligada à actividade por eles exercida anteriormente. No entanto, foram identificados cerca de 17 casos de indivíduos que são profissionalmente bate-chapas. Disto se depreende que eles sejam pelo menos bivalentes, ou que realizam duas actividades simultaneamente atendendo-se que no momento estão exercendo a de serralheiro.

O tempo de trabalho que os patrões tem nas profissões actualmente exercidas, varia de um a 39 anos. Existem 7 casos de trabalhadores de 30 anos de idade, mas com 20 anos de serviço.

34,7% dos patrões, possui uma experiência na profissão de serralheiro que varia de dois a nove anos .

Disto de conclui que os patrões das serralharias informais são indivíduos com alguma experiência profissional na actividade, e exercem-na não de forma improvisada.

A relação entre tempo de trabalho e idade dos patrões das micro-empresas, mostra que existe uma correlação entre os dois itens. Quanto maior for a idade, maior é o número de anos de trabalho na profissão. Poder-se-à citar como exemplo o patrão de 60 anos de idade, mas trabalhando há 34 anos como serralheiro.

Existem porém, casos extremos de patrões com 17 anos de idade possuindo já 10 anos de serviço. Casos desta natureza tem explicação considerando a precoce idade em que alguns pais iniciam profissionalmente os seus filhos, partindo do escalão de ajudantes ou estagiários. São também de notar casos de patrões com poucos anos de experiência na profissão de serralheiro, mas tendo uma idade elevada. Não achando comum que um trabalhador idoso tenha a pretensão de mudar de emprego sem motivos justificativos, considera-se lógico que essa mudança se tenha efectuado por ser para eles mais rentável o trabalho informal como serralheiros.

Verificou-se que, de um total de 50 patrões, metade frequentou cursos de formação profissional no emprego anterior. Grande percentagem deles frequentou cursos ligados à serralharia (mecânica ou civil). Trata-se de cursos frequentados fora do actual posto de trabalho, no sector formal da economia ou em escolas (ver quadro nº 4). Estes dados indicam que a formação no local de trabalho é predominante e constitui a prática usual mesmo nas grandes empresas donde aqueles trabalhadores provém.

#### QUADRO Nº 4/A

##### Formação Profissional dos Patrões

(Distribuição percentual)

Local de Formação	Patrões (%)
No Actual Emprego	8.7
Numa Empresa	47.8
Numa Escola	39.1
Noutro Local	4.3

Fonte: *Dados recolhidos no Inquérito aos serralheiros informais - 1995*

Constata-se que, na sua maioria, os empregos que os patrões tiveram antes do actual, foram no sector formal, quer em empresas como em organismos do Estado. Registam-se sete casos de transferência do sector informal para o informal (ver quadro nº 5).

## QUADRO Nº 5

### Empregos Anteriores dos Patrões

Tipo de Emprego	Nº de Casos
Empresa Formal	25
Empresa Informal	7
Inst. do Governo	4
Casa de Amigos	1
Fora do País	3

*Fonte: Dados Recolhidos a Partir do Inquérito aos Serralheiros Informais*

O abandono dos empregos anteriores foi motivado por vários aspectos dentre os quais se destacam baixo salário, despedimento, encerramento de empresas (ver quadro nº 6).

## QUADRO Nº 6

### Motivos que Ditaram o Abandono dos Empregos Anteriores

(Patrões)

Motivo	Patrões (%)
Foi Despedido	20.0
Fechou a Empresa	15.0
Salário Baixo	45.0
Problemas com Colegas	0.8
Doença	0.8
Foi Cumprir o SMO	2.3
Desejou Mudar de Emprego	2.3

*Fonte: Elaborado a partir de informações do Inquérito aos serralheiros, 1995*

45% dos patrões, evocam problemas de baixo salário e 2.3%, desejo de mudança de emprego. Coloca-se a eventualidade deste último motivo derivar de questões salariais, à semelhança do que acontece com os 45% dos patrões acima referidos. Além dos 15% de despedimento por encerramento de empresas, 20% constituem despedimento sem declaração de motivo. Estes casos poderão estar ligados à actual política empresarial de racionalização da força de trabalho que resulta em alguns casos no despedimento massivo de trabalhadores.

Como resultado da aplicação do PRE, as mudanças tecnológicas introduzidas nalgumas unidades de produção, traduziram-se na sua redução em termos de dimensões e na composição dos sistemas de produção a favor de unidades mais pequenas, mais flexíveis e com um crescente uso de computadores. Nestes casos a procura de mão-de-obra mais qualificada é evidente, o que leva por consequência à racionalização da força de trabalho tornando-se inevitável o despedimento de trabalhadores.

Em relação a este fenómeno, a (UNIDO, 1995), afirma que em Africa a privatização representa uma importante mudança estrutural e um desafio, dado que a maioria das grandes indústrias foi propriedade do Estado. O sector público tem que aplicar políticas de redução de gastos em grande escala como resultado dos programas de ajuste estrutural. Se isto tem debilitado as empresas estatais não houve uma contrapartida de maiores possibilidades de emprego no sector privado que procedeu a uma crescente criação de desemprego.

Esta situação analisada tendo em atenção a informação do quadro nº 5 sobre o tipo e local de empregos que os patrões tiveram antes do actual, pode levar a crer que a inflação contribuiu para a procura da actividade informal como forma de subsistência.



#### **4.2. TRABALHADORES ASSALARIADOS**

Num total de 84 trabalhadores inquiridos, só 1.5% pertencem ao sexo feminino. Estes casos referem-se a mulheres que se dedicam ao trabalho de apoio, ou seja a escriturários.

A explicação para esta desproporção na divisão do trabalho entre homens e mulheres, pode não estar ligada à preferência ou habilidade do sexo masculino nas actividades de serralharia. É possível inserir este facto na divisão sexual do trabalho ditada tradicionalmente, sobretudo nos países em desenvolvimento.

Nestes países existem actividades cujo exercício não é normalmente aceite para mulheres e nem é encorajada formação profissional para o seu desempenho. Também, as características sociais e demográficas, especialmente as taxas de fecundidade e os níveis de educação, são indicadores importantes da dimensão e qualidade dos recursos de mão-de-obra feminina disponíveis para satisfazer as exigências da industrialização (UNIDO, 1995). Ainda segundo aquela organização mundial, a participação da mulher em relação à do homem na indústria, está aumentando em todas as regiões do mundo em desenvolvimento, salvo em Africa, cuja percentagem é a mais baixa, 7%. Mesmo dentro desta reduzida percentagem de mulheres na indústria, é de referir que em todas as regiões do mundo a participação da mulher é predominante nas indústrias ligeiras, sobretudo nas alimentares, têxteis e vestuário, electrónicas e não na serralharia.

As idades dos trabalhadores assalariados estão compreendidas entre 15 e 55 anos. É uma população concentrada no grupo etário de 20-24 com 28 elementos, seguindo-se os estratos de 25-29 e 15-19 com 17 e 16 indivíduos, respectivamente. A idade média dos trabalhadores é de 25.5 anos.

Através da amostra de 84 trabalhadores referente a este estudo, depreende-se que a actividade de serralharia usualmente não emprega crianças menores de 15 anos à semelhança do que acontece nas actividades informais de comércio. No entanto, como já referimos, existem casos excepcionais de trabalhadores de 17 anos de idade, com 10 anos de experiência na profissão de serralheiro.

As características apresentadas quanto ao sexo e à idade, constituem uma especificidade da serralharia informal.

41% dos trabalhadores residem na cidade de Maputo há mais de 10 anos, por isso não são emigrantes recentes devido à guerra. Outros 28.9%, de 4 a 10 anos e 30.1% há menos que 3 anos.

Profissionalmente, cerca de 69 trabalhadores são serralheiros, havendo a registar oito casos de Bate-Chapas. Os restantes tem variadas profissões.

Exceptuando-se dois casos, a formação profissional foi adquirida no processo de trabalho. Ao analisar o quadro nº 7 verifica-se que 1/4 dos trabalhadores não tem um ano de serviço, mas, 60% tem 3 anos ou mais, o que demonstra que não é uma actividade improvisada.

QUADRO Nº 7

TEMPO DE TRABALHO DOS TRABALHADORES NA MICRO-EMPRESA

Anos de Serviço	% Trabalhadores
-1	20.0
1	8.4
2	10.8
3	13.3
4	9.6
5	4.8
6	8.4
7	3.6
8	3.6
10	9.6
13	1.2
14	1.2
24	2.4
35	1.2

*Fonte: Dados do Inquérito aos Serralheiros Informais - 1995*

O trabalhador cujo tempo de trabalho é máximo, possui 35 anos, sendo uma excepção ao normal. 15% tem 10 ou mais anos.

As Províncias de Inhambane, Maputo Província e Maputo-Cidade são as que maior número apresentam quanto ao local de nascimento dos

empregados. De referir que ao contrário do que acontece com os patrões, 49.6% dos trabalhadores, quase metade dos inquiridos, nasceram e vivem na cidade e Província de Maputo, onde exercem a sua actividade profissional .

Em termos de aproximação, o envolvimento daqueles trabalhadores no sector formal não foi originado pela migração do campo à cidade nos momentos mais sérios de guerra. A hipótese do seu envolvimento no sector formal deve ser ligado a factores relacionados com a aplicação do PRE.

#### QUADRO Nº 8

#### Motivos que Levaram à Mudança de Emprego

(Trabalhadores)

Motivos	%
Foi Despedido	9.4
Fechou a Empresa	28.1
O Salário era Baixo	37.5
Foi ao SMO <sup>b</sup>	12.5
Problemas c/ Colegas	3.1
Doença	3.1
Desejou Mudar de Profissão	6.1

*Fonte: Elaborado a Partir de Dados do Inquérito - 1995*

A mudança de emprego dos trabalhadores deve-se fundamentalmente a motivos salariais, (37.5%) e encerramento de empresas (28.1%). Tal como nos patrões, os 6.1% elementos que abandonaram o emprego por desejo de

mudança de profissão, poderão estar relacionados com problemas salariais. Do mesmo modo, os despedimentos e o fecho de empresas talvez devam ser entendidos no âmbito da racionalização de empresas e consequente dispensa de trabalhadores

#### **4.3.DISTRIBUICAO ESPACIAL DAS UNIDADES DE PRODUCAO**

As serralharias do sector informal em estudo, distribuem-se por 15 bairros de acordo com o quadro nº 9 que abaixo se apresenta:

**QUADRO Nº 9**

#### **NUMERO DE MICRO-EMPRESAS INQUIRIDAS POR BAIROS**

<b>BAIRRO</b>	<b>Nº EMPRESAS</b>
Aeroporto B	3
Chamanculo A	4
Chamanculo D	4
Malanga	6
Mafalala	2
Maxaquene B	4
Maxaquene C	4
Polana Caniço A	4
Urbanização	2
Zimpeto	2
25 de Junho	4
Jorge Dimitrov	2
Mavalane A	3
Luis Cabral	3
Malhazine	3

**Fonte: Dados Colhidos no Inquérito aos Serralheiros Informais - 1995**

Das 50 unidades de produção inquiridas, seis delas estão situadas no bairro da Malanga, o que corresponde a 12% do total. As restantes distribuem-se numa proporção de três em quatro bairros, quatro em seis bairros e dois pelos restantes.

O bairro que maior número regista, como foi referido, é o da Malanga (ver mapa nº 6). Este localiza-se na Av. do Trabalho, área que outrora foi o fulcro da industrialização, donde posteriormente partiu a expansão da rede industrial para o distrito da Machava e cidade da Matola (Mendes, 1987). Trata-se de uma área de confluência da indústria urbana com a suburbana e encontram-se misturadas empresas do sector formal e informal.

A diferença entre as empresas do bairro da Malanga e parte do bairro do Chamanculo B<sup>7</sup>, que ocupam a Av. do Trabalho é mínima diferindo apenas no tipo de instalações, e no facto de possuir licença ou não.

O principal factor que influenciou a localização das micro-empresas de serralharia foi a dificuldade encontrada na aquisição ou aluguer de instalações. É assim que cerca de 46% do total de empresas tenham declarado esse motivo.

Um outro factor de peso, o mercado, ditou a escolha do local em cerca de 12 unidades de produção.

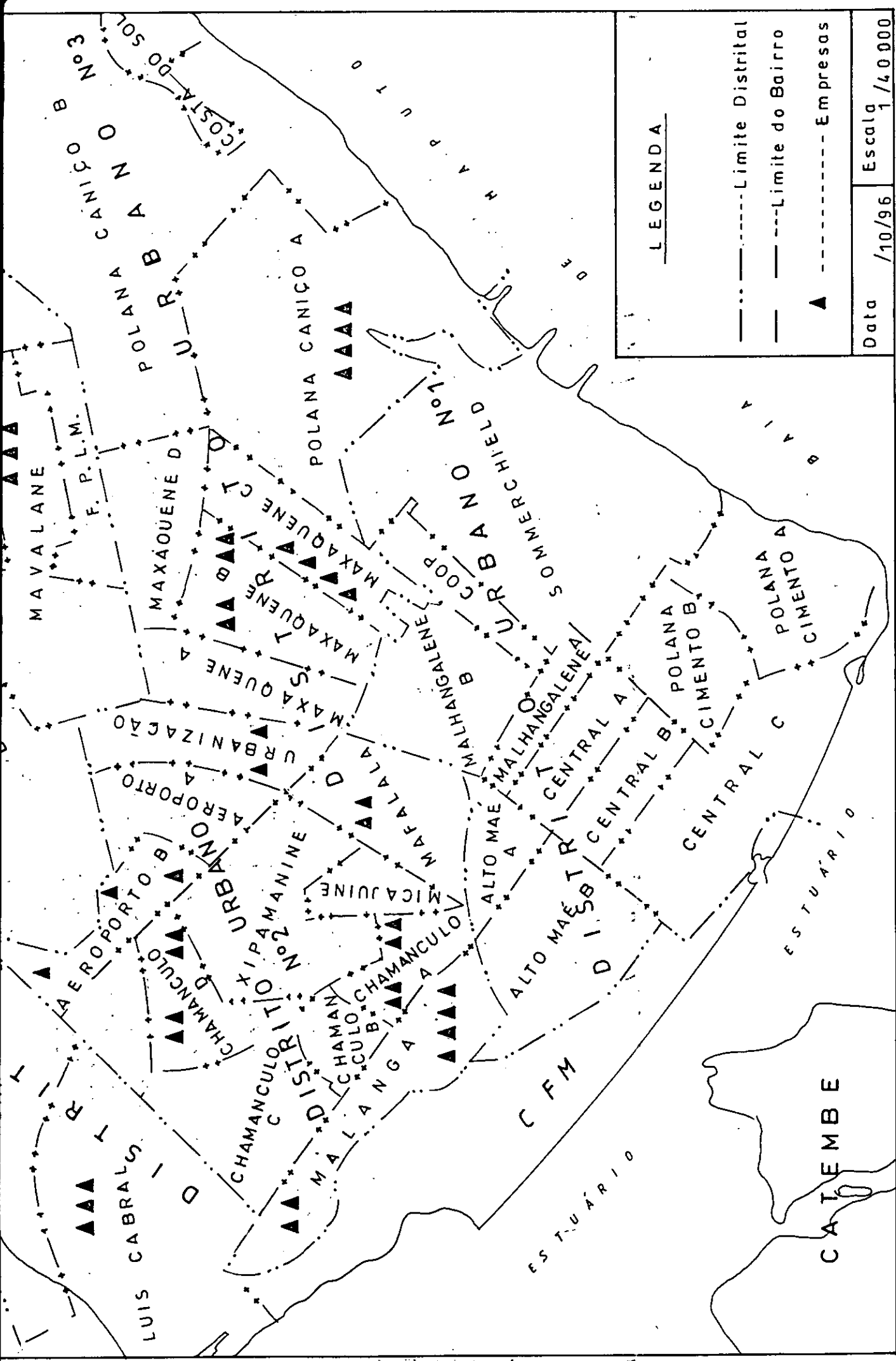
Deste modo, a localização das unidades de produção foi influenciada por factores económicos, nomeadamente, localização onde foi possível, aliado a dificuldades financeiras em adquirir instalações condignas, mercado para colocação e venda da produção, bem como aspectos ligados à concorrência com o sector formal.

#### **4.4. Localização da Matéria-Prima e Mercado**

A proximidade da matéria-prima dos locais de produção, constitui para algumas indústrias um dos factores determinantes, na escolha da localização da unidade de produção no sector moderno da economia.

---

<sup>7</sup> / Estes dois bairros são escolhidos para exemplificação devido à suas características - Possuem em simultâneo dois tipos de construção, a caniço e cimento.



LEGENDA

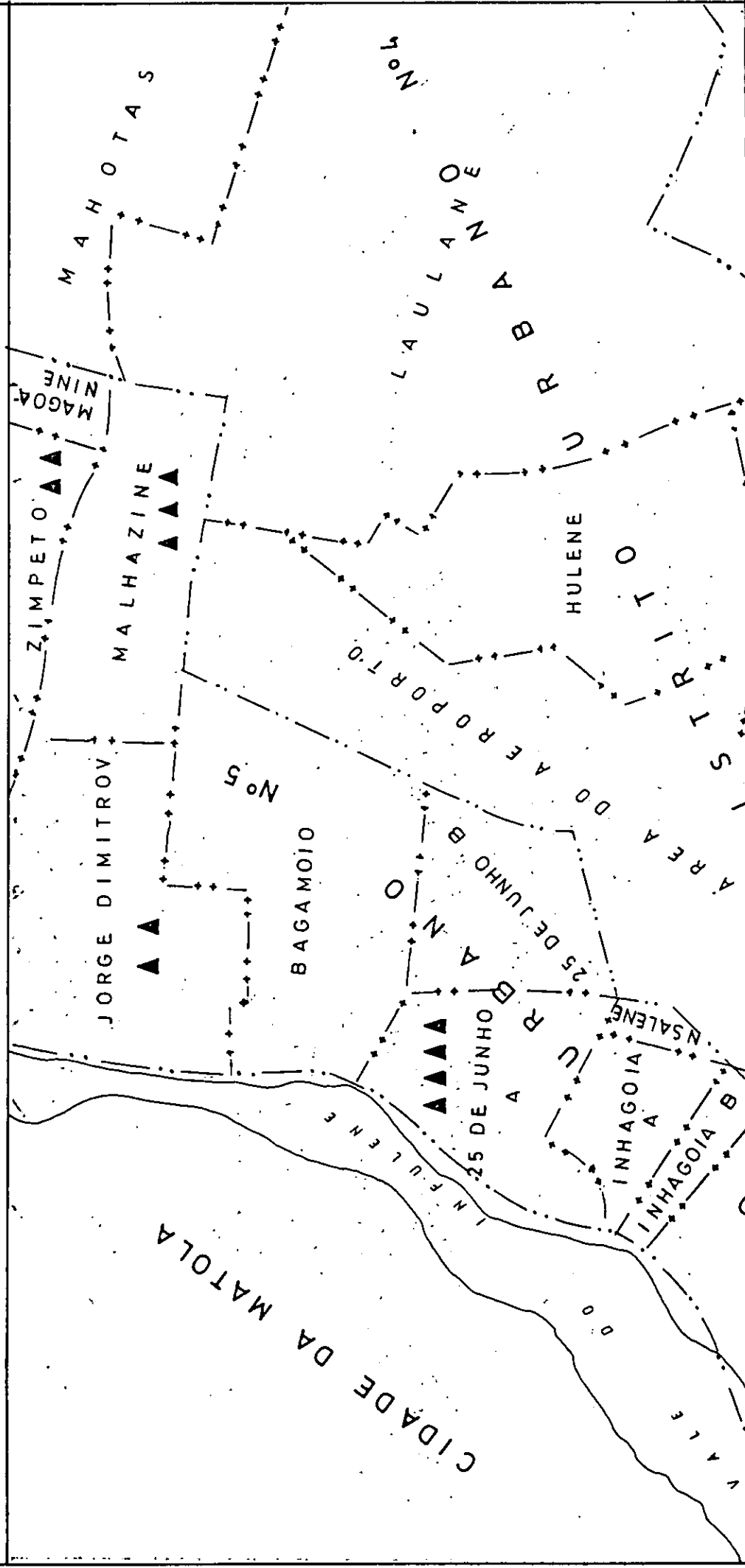
- Limite Distrital
- Limite do Bairro
- ▲ ----- Empresas

Data	/10/96	Escala	1/40 000
------	--------	--------	----------

Fonte DINAGECA

# CIDADE DE MAPUTO

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS EMPRESAS POR BAIRROS





Este factor de localização, tratando-se do sector informal, não tem sido objecto de análise prévia pelos patrões na instalação de uma indústria, não obstante ter peso no aumento dos custos de produção. Esta falta de consideração, deve-se às características daquele sector e aos factores que levam ao seu surgimento. Mesmo assim, há tendências a considerar quando se analisam em simultâneo o local de produção e a matéria-prima.

Verifica-se que 20 % das micro-empresas adquirem matéria prima a um km. 56% a uma distância de dois a cinco km, e 24%, a mais de 6 km (ver quadro 10).

#### QUADRO Nº 10

##### DISTANCIA ENTRE EMPRESA E LOCAL MAT. PRIMA

DISTANCIA	% DE EMPRESAS
0 a 1 Km	20.0
2 a 5 Km	56.0
6 em diante	24.0

*Fonte: Dados Recolhidos Durante o Inquérito aos serralheiros informais, 1995*

Estes valores mostram que mais de metade das empresas tem que adquirir matéria prima a uma média de 2,04 Km do local de produção, o que é digno de nota tendo em atenção que o meio de transporte é alugado ou é manual, nos "Tchova Xita Duma" e a matéria prima é pesada. Nos dois casos, as despesas de transporte tornam-se onerosas devido ao preço de eventual aluguer de viatura para o efeito transporte em carrinhos de mão "txova xita duma", que são o meio de transporte geralmente usado nas micro-empresas de serralharia, provoca um desgaste físico ao trabalhador, excessivo tempo gasto e riscos de desvio da matéria-prima. Quase todas as unidades de

produção não beneficiam de distribuição ao domicílio devido aos custos que isso acarreta, e, deslocam-se para a aquisição de matéria prima quer nas ferrageiras quer no mercado paralelo.

Os principais compradores do produto final da indústria de serralharia informal, são pessoas singulares moradoras nos bairros circunvizinhos e outros, na cidade de cimento.

Os singulares que adquirem a produção das serralharias, 80%, compram todo o tipo de produtos, desde as grades e fogões, às máquinas de fazer blocos. Os estabelecimentos comerciais constituem 20% dos compradores da produção informal, e, compram preferencialmente, materiais para protecção, como é o caso de grades, portões e trancos.

Ao contrário do que se poderia supor, os compradores de produtos informais são também os moradores da zona de cimento, e não só os dos subúrbios da cidade de maputo. Constatou-se que dos 80% de singulares compradores da produção informal, 35% De forma geral, os produtos mais comprados obedecem à seguinte ordem:

- 1º. - Grades para janelas
- 2º. - Portões e portas de ferro
- 3º. - Fogões a carvão
- 4º. - Base para camas
- 5º. - Tcxova xita duma
- 6º. - Outros

Tratando-se de produtos de longa duração, não é fácil identificar os mais procurados pela população, num determinado período.

#### **4.5. Unidades de Produção: Suas Características Sócio/Económicas**

Tomando como referência as 50 micro-empresas objecto do presente estudo, foram escolhidas unidades de produção de serralharia pelas suas dimensões reduzidas tendo em atenção o seu número de trabalhadores que varia de um a cinco. O principal aspecto que à partida caracterizou aquelas unidades de produção foram as condições de funcionamento no que respeita às instalações.

##### **4.5.1. Tipo de Instalações**

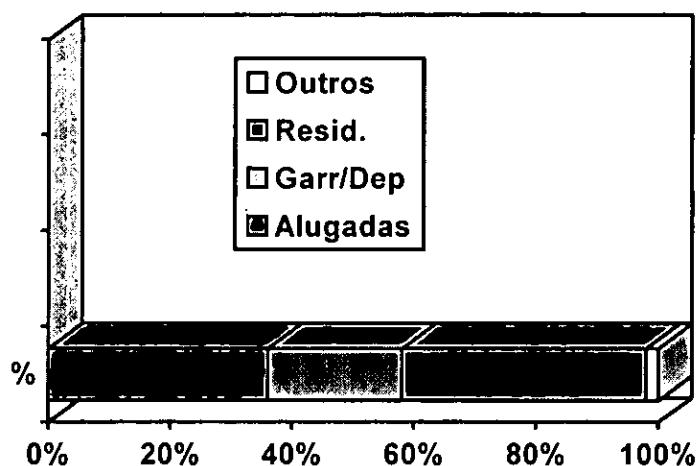
Nas 50 micro-empresas objecto do presente estudo, foram identificadas 18 unidades de produção funcionando em instalações próprias, o que representa 36% do total (quadro nº 11). Estas instalações reúnem condições mínimas de funcionamento o que faz com que em grande parte sejam licenciadas sob o ponto de vista técnico após uma vistoria pouco rigorosa. São instalações geralmente adquiridas fora da residência do proprietário. Estas unidades, correspondendo a 40% funcionam na própria residência, num compartimento adjacente ao domicílio. Não possuem, condições de laboração apropriadas para o desenvolvimento de actividades industriais que requerem instalação de maquinaria pesada, como é o caso de tornos de bancada, serra de folhas e outros.

O manuseamento de matéria prima do género da que se utiliza em serralharia, causa transtornos quer no que respeita ao espaço de manobra como no referente à poluição sonora provocada pelo ruído das máquinas (máquina de soldar) e outros equipamentos. Estas unidades por se encontrarem nas residências, funcionam mais deficientemente que outras com instalações independentes, além de afectarem negativamente a vida familiar.

Funcionando em instalações adaptadas fora da residência ou alugadas para o efeito, foram identificadas 18 unidades de produção, o que representa 36% do total (Gráfico 2).

## GRAFICO 2

### LOCAL DE FUNCIONAMENTO DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO



*Fonte: Dados recolhidos no Inquérito aos Serralheiros Informais, 1995*

No gráfico 2, pode-se verificar que o número de unidades funcionando em garagens ou dependências é importante pois totaliza 11 das 50 inquiridas. Numa observação rápida poder-se-ia optar pela não diferenciação dos dois itens mencionados, a residência e as garagens ou dependências que servem como instalações de laboração.

Existem residências de construção muito precária, feitas de caniço e zinco onde se disponibiliza um compartimento mais próximo do quintal, para a "oficina". Na sua maioria possuem o chão cimentado.

Garagens ou dependências, são por aluguer as pequenas empresas informais por proprietários de residências de construção em madeira e zinco, ou cimento e zinco.

Esta diferenciação entre tipos de instalações, reflecte o quão são improvisadas algumas micro-empresas, bem como o grau de solvência do proprietário. Estes dois aspectos, estão na razão inversa, ou seja, quanto mais improvisadas forem as instalações, menor é a capacidade financeira do seu proprietário e por consequência maior é também o risco de falência.

A serralharia tanto formal como a informal, ao proceder à transformação de insumos de base (chapa e ferro) em produtos finais, tem como "consumíveis", energia eléctrica para o funcionamento das máquinas de soldar, corte, etc. Trata-se de uma componente, bastante importante cuja instalação em oficinas exige condições próprias, tais como, a resistência do material, segurança contra incêndios, etc. Isto reduz a possibilidade de uso de instalações com um grau de improvisação alto como é o caso das casas de caniço.

Nos casos em que foram encontradas oficinas sem instalações, a céu aberto, elas estavam adstritas a residências com energia eléctrica onde por meio de cabos e fios eléctricos, se procedia à sua utilização. A energia eléctrica é determinante para o funcionamento das micro-empresas de serralharia o que nos pode levar a inferir que, à semelhança do que já foi referido, se trate de outro factor de localização daquele tipo de actividade.

Esta característica distingue as actividades informais de serralharia de outras também informais pelo facto de possuir condicionantes para o seu exercício, ao contrário do que acontece com a venda de produtos alimentícios nos "Dumba Nengue", que pouco exigem para funcionar.

QUADRO Nº 11

RELAÇÃO LOCALIZAÇÃO EMPRESAS/BAIRRO RESIDENCIA PATRAO

Loc. Empresa	Residência no mesmo bairro	Outro Bairro	
		No bairro circunvizinho	Longe do bairro
Aeroporto A	1		
Aeroporto B	2		
Malanga	1		1
Chamanculo B			1
Chamanculo D		4	
Malanga			2
Maxaquene			4
Urbaniza		1	
Chamanculo A		2	
Maxaquene C		4	
P.Caniço A		2	
Aeroporto		2	

Fonte: Dados do inquerito aos Serralheiros Informais, 1995

Na sequência da análise acima feita, confirma-se a tendência de coabitação entre proprietários e unidades de produção no sector informal como é o caso das empresas do bairro do Aeroporto A, B, e Chamanculo B. A falta de capital para construção, aluguer. ou aquisição de instalações, leva a este facto, tal como já foi atrás referido.

Uma significativa parte dos proprietários mora nos bairros circunvizinhos, sendo de referir a título de exemplo os bairros da Urbanização/Aeroporto B, Chamanculo A/Chamanculo B, P. Caniço A/Malhangalene, Mafalala/Aeroporto. A tendência dos patrões trabalharem no local de residência, é originada também, pela necessidade de controlo e segurança da produção e das instalações. Em caso de impossibilidade, recorre-se ao bairro mais próximo.

#### **4.5.2.Preços da Matéria Prima e Produto final**

##### **i). Matéria Prima**

A matéria prima é uma componente importante senão determinante no processo de produção porque sendo o objecto de trabalho, é sobre ele que incide o processo da sua transformação para a manufactura do produto pretendido.

Através dos dados obtidos da recolha de informações no inquérito aos serralheiros informais nalguns bairros da cidade de Maputo, constatou-se que, de acordo com o referido anteriormente, os preços de venda às micro-empresas são variáveis

A matéria prima é adquirida em muitos locais sem nenhuma exigência, desde que haja dinheiro para tal. No entanto, nas empresas grossistas ou na fábrica ela é vendida oficialmente a unidades licenciadas a um preço razoável devido à redução de alguns impostos. dado que grande parte das empresas do sector informal não está licenciada, em princípio não poderia beneficiar da aquisição a preço reduzido, naquelas unidades de produção. Porém, os mesmos produtos são também vendidos ao preço de fabrica, fora daquelas instalações, em "estabelecimentos" não licenciados.

A proveniência daquela matéria-prima usada nas serralharias é duvidosa, supondo-se que seja colocada pelas empresas fabricantes num processo de evasão fiscal, o que levaria a canais informais o sector formal.

Deste modo, verifica-se a existência de relações sistémicas no concernente ao comportamento dos dois sectores - o formal e o informal. O eventual desvio de produtos do formal para o informal é materializado por trabalhadores que, nos casos de desvio "consentido" concorrem para a rentabilização das empresas onde trabalham. Por outro lado, em caso de desvio por iniciativa do mesmo trabalhador, a ele interessa a sua permanência naquele sector pois beneficia de receita que engrossará o "magro" salário

auferido; simultâneamente ele constitui um elo de ligação importante para o abastecimento do sector informal e rentabilização do sector formal. Daqui se poderá questionar se na fase actual não se verificaria uma interdependência e complementariedade entre os dois sectores. É caso para questionar também se a condição de sobrevivência do sector formal neste momento não seria o informal devido à colocação de produtos com larga margem de lucro, sem pagamento de imposto.

Por sua vez, o informal existe porque há sobre oferta de mão-de-obra e alguém que procede ao desvio de matéria prima "isenta" de impostos, resultando na produção a baixo custo.

Uma das empresas formais contactadas (emp 1), a principal fornecedora de matéria prima ao sector informal, vende só produtos importados a um preço inferior ao dos fabricados no país, embora a qualidade seja a mesma.

Provavelmente a fixação de preço tenha sido influenciada pelo baixo custo de produção nos países donde ela provém.

Outra empresa também do sector formal (Emp 2), fornece materiais similares e pratica preços elevados relativamente à primeira. Estes são materiais de origem nacional cujos custos de produção são elevados.

## **ii) Produto Acabado**

Analisando o quadro nº 12, pode-se entender pela diferença de preços do produto acabado proveniente dos sectores formal e informal que o factor preço da matéria prima, pesa no custo dos mesmos. Os preços praticados pelo sector formal são elevados devido ao custo da matéria prima, embora este não seja só por si determinante sabida qual a interferência doutros factores como é o caso dos combustíveis, energia, transporte, impostos, etc.



QUADRO Nº 12

VARIACAO DOS PRECOS MEDIOS DE PRODUTOS ACABADOS

NAS EMPRESAS FORMAIS E INFORMAIS (meticais)

<u>Produto</u>	<u>Sector Formal</u>	<u>Sector Informal</u>	<u>Diferença</u>
Grades	410 000	350 000	60 000
Portas	1 583 000	1 200 000	383 000
Base para Cama	675 000	450 000	225 000
Txova Xita Duma	2 533 300	1 900 000	633 000
Take Away	17 833 300	13 000 000	4 833 000
Carrinhos	4 166 600	2 700 000	1 466 000
Para - Choques	4 950 000	4 000 000	950 000
Fogões	150 000	75 000	75 000

*Fonte: Informação recolhida no inquérito aos Serralheiros Informais, 1995*

Por analogia ao que atrás foi dito relativamente à matéria prima, o imposto também é condicionante na fixação do preço de produtos acabados. Analisando comparativamente os preços dos produtos acabados provenientes dos sectores formal e informal, depreende-se da variação dos mesmos, o quão pode ser relativamente vantajoso comprar no informal pois o preço é competitivo, mercê da "isenção" fiscal do sector.

Sem pretender enveredar pelo subjectivismo, salienta-se que a vantagem deveria ser vista, dentre outros aspectos, tendo em atenção a

qualidade da produção. A este respeito, não obstante a tecnologia utilizada ser rudimentar e o equipamento apresentar problemas de manutenção produz-se com certa qualidade relativamente à produção similar proveniente do sector formal, graças à criatividade e perícia dos trabalhadores mais experientes.

Posto isto, e retomando a ideia da possibilidade de existência de dependência do sector informal em relação ao formal no que respeita à aquisição de matéria prima e aos preços, é evidente que ela existe.

Considerando o facto pelo lado do preço da matéria prima, o sector formal dita-o condicionando por consequência as margens de lucro na venda do produto final, porque detentora do "monopólio" de importação e produção de matéria prima.

É de salientar que a actividade de serralharia serve-se de produtos semi-elaborados cuja produção requer tecnologia avançada e grandes investimentos como é o caso da chapa metálica, tubo galvanizado, varões de ferro ou aço, etc. Estes materiais, de momento só são produzidos em empresas do sector formal. Por outro lado, a sua importação ilegal confronta-se com problemas ligados ao seu enorme peso, daí que a ser possível, não seja feita por pessoas singulares e em pequenos lotes à semelhança do que acontece com os vendedores informais do "Dumba Nengue" em relação a géneros alimentícios.

Deste modo, acha-se que o controlo das vias de importação e a imposição da compra de matéria prima no mercado local paralisaria a actividade informal de serralharia, já que o seu produto final não seria competitivo em termos de custos.

#### **4.6. Exercício da Actividade: Forma de Organização**

O regimento legal das unidades de produção da indústria de serralharia informal, é outro aspecto que caracteriza a informalidade daquelas unidades.



O factor licenciamento da actividade não distingue claramente o formal do informal no caso da indústria de serralharia. Actualmente estão a ser atribuídas licenças "normais"<sup>8</sup> de exercício de actividade industrial a empresas pequenas e licenças a "título precário" para as informais e também pequenas cujas condições de laboração são abaixo das anteriormente referidas<sup>9</sup>.

Também, podem ser encontradas empresas licenciadas a "título precário"<sup>10</sup>, mas desorganizadas<sup>11</sup>. Outro tipo a considerar são empresas não licenciadas, desorganizadas, totalmente rudimentares e artesanais.

É de notar que em termos de benefícios continuam a existir diferenças com o sector formal da economia, principalmente no acesso ao financiamento e modalidades de pagamento de impostos.

Também a diferenciação entre as que tem licença "normal" e as que não estão licenciadas, em termos de tecnologia usada, é ínfima e praticamente inexistente.

As constatações feitas confirmam essa posição. Através do quadro nº 13, verifica-se que das 50 empresas inquiridas, 46% laboram com licença normal<sup>12</sup> e igual número não é licenciado. 4 das empresas que responderam à pergunta possuem uma licença a título precário.

<sup>8</sup>/ As licenças "normais" são passadas após vistoria pouco rigorosa. Não obstante juridicamente legais, elas não se assemelham nas características às empresas do sector moderno, formais.

<sup>9</sup>/ Segundo informações colhidas junto às Direcções de Indústria da Cidade de Maputo e Administrações dos Distritos Urbanos.

<sup>10</sup>/ Esta é uma designação dada à autorização de exercício de actividade para micro-empresas do sector informal dado que não reúnem todas as condições para obter licença nos moldes normalmente definidos, nomeadamente, instalações concebidas dentro das normas de higiene, salubridade e segurança, apresentação de planta topográfica, projecto, entre outras exigências. Esta autorização, foi legitimada pelas normas de simplificação do licenciamento ditadas pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo, em 1995.

<sup>11</sup>/ Entende-se por desorganizadas neste contexto, micro-empresas não estruturadas, e que funcionam sem uma divisão técnica do trabalho.

<sup>12</sup> Licença normal é a designação dada ao tipo de autorização de exercício de actividade a empresas que reúnem todas as condições legalmente estabelecidas. Trata-se de designação oposta à licença a título precário.

### QUADRO 13

#### SITUAÇÃO LEGAL DAS EMPRESAS

<u>SITUAÇÃO LEGAL</u>	<u>% DO TOTAL</u>
Licença Precária	8.0
Licença Normal	46.0
Não licenciada	46.0

*Fonte: Dados Recolhidos no Inquerito aos Serralheiros Informais, 1995*

Analisando em simultâneo as vantagens e desvantagens do licenciamento, embora as respostas a esta pergunta tenham sido em metade dos inquiridos, verifica-se que quase todas as empresas preferem ter licença só para não serem importunadas pelas autoridades fiscalizadoras.

Tem essa posição 12 unidades das 25 que responderam, o que representa 88%, 8% devido à facilidade na aquisição de matéria prima e 4% porque poderão advir dali facilidades no financiamento (ver quadro nº 14).

### QUADRO Nº 14

#### VANTAGEM NO LICENCIAMENTO

<u>MOTIVO DO LICENCIAMENTO</u>	<u>Empresas (%)</u>
Trabalhar sem Problemas	88.0
Facilidade de Compra M. Prima	8.0
Facilidade Financiamento	4.0

*Fonte: Dados recolhidos no Inquerito aos Serralheiros Informais, 1995*

Pelas informações recolhidas durante o inquérito, constatou-se que não se obtém grandes vantagens em se ser licenciado. A única questão que aflige os proprietários das unidades de produção prende-se com o pagamento de algumas somas em dinheiro, aos agentes, no lugar de uma multa oficial. A pressão por eles exercida é por vezes tal que em termos monetários se chegam a pagar montantes superiores ao imposto.

A facilidade na compra de matéria prima ou no financiamento é fictícia na medida em que no caso de financiamento, os organismos de crédito impõem como condição da sua obtenção, além da licença, um fiador ou prova de solvência e uma participação.

Dos 8% de unidades licenciadas a título precário, 1 funciona em instalações próprias e 3 na própria residência. Por outro lado, possuindo licença normal, 22% delas laboram em instalações próprias, 45% em garagens e 25% em residências de outras pessoas.

Analisando proporcionalmente o número de empresas em cada tipo de regime, estes dados, confirmam a diferença existente entre o grau de informalidade das mesmas naqueles dois regimes legais. Nas micro-empresas com licença normal, pressupõe-se que os proprietários sejam mais estáveis financeiramente e com um grau de solvência relativamente melhor que os primeiros, daí que em número elevado estejam em condições de adquirir ou construir instalações próprias.

Também quanto às empresas não licenciadas, são notórias as suas dificuldades de funcionamento comparativamente àquelas que possuem licença a título precário. A maioria das unidades não licenciadas, 26%, funciona em residências.

Os motivos que levam ao não licenciamento das micro-empresas são vários, contando-se dentre eles, a falta de instalações adequadas, falta de

fundos e dificuldades em cumprir todas as formalidades legais exigidas. Das não licenciadas, as que alegam o último motivo são em maior número

As desvantagens apresentadas pelas empresas inquiridas (licenciadas), referem-se ao pagamento de impostos e à concorrência desleal movida pelas unidades não licenciadas. Do total de empresas abrangidas pelo inquerito, só 10 responderam a esta pergunta, o que revela por parte dos gestores algumas reservas relativamente à abordagem deste problema(ver quadro 15).

A resea verificada nas respostas deve-se à actuação duvidosa de algumas unidades de produção. A concorrência desleal é recíproca, pois, as empresas licenciadas a título precário, apresentam características de funcionamento idênticas às das não licenciadas.

#### QUADRO Nº 15

##### DESVANTAGEM NO LICENCIAMENTO DE EMPRESAS

DESVANTAGEM	% DO TOTAL
Pagamento do Imposto	9.0
Concorrência Desleal	1.0
Sem Opinião	90.0

*Fonte: Dados do Inquerito aos Serralheiros Informais, 1995*

Embora o numero de respostas seja reduzido relativamente ao total de empresas inquiridas, pode-se constatar que a desvantagem mais séria do licenciamento está no pagamento de impostos (cerca de 90% das respostas).

O pagamento a que se refere é contestado pela forma de cálculo adoptada, que não toma em consideração os lucros de cada período. Tratando-se de montante fixo, a variabilidade do fluxo de produção dificilmente permite satisfazer as cifras exigidas, dado que o rendimento dos períodos de trabalho efectivo geralmente apresenta um défice relativamente aos prejuízos do espaço de tempo sem produção.

#### ***4.7. Relações Inter-Sectoriais da Indústria de Serralharia Informal***

A indústria de serralharia está inserida no sub-sector das indústrias metalo-mecânicas cuja actividade se caracteriza pela sua capacidade de industrialização ou seja pelo, o seu grande efeito estruturante, e possibilidade de arrastamento de outros sectores em prol do desenvolvimento do país.

O sub-sector das metalo-mecânicas, possuem grande capacidade de desenvolvimento de relações intra e inter-sectoriais e de desenvolvimento de externalidades tecnológicas (Amaral, 1992), daí que ele constitua uma das grandes prioridades quando se traçam linhas de orientação para a industrialização de vários países.

Este subsector dedicando-se à metalo-mecânica pesada e ligeira, tem na primeira as chamadas indústrias estruturantes ligadas à fundição, forja, etc. Na sua componente ligeira, segundo (Amaral, 1993), apresentam-se as fortes ligações intra e intersectoriais já referidas. Ao proceder-se se dedica à fabricação de produtos intermediários para apoio a outras indústrias e actividades como é o caso da construção, obras públicas e agricultura.

É para estes sectores que se fabricam ferragens e fechaduras, artigos de canalização, maquinaria e equipamento auxiliar para movimentação e transporte de materiais, manutenção e reparação, etc.

Cita-se como exemplo deste caso a agricultura, através da produção de enxadas e catanas; construção, com a produção de máquinas de fabrico de

tijolos; transporte, com a produção de "Tchova xita duma" e parachoques de viaturas; Hotelaria e serviços, através da produção de carrinhos de mão para vendedores ambulantes e "take away", etc.

Nesta linha de pensamento, as micro-empresas da indústria de serralharia (que em alguns aspectos correspondem à definição de informalidade) inserindo-se na metalo-mecânica Ligeira, não só se ocupa pela produção de produtos intermediários, mas essencialmente por produtos terminais ou acabados.

Esta indústria embora enfrentando importantes limitações tecnológicas beneficia de grande criatividade da mão-de-obra operária que produz artigos diversos para vários outros sectores.

Daqui se poderá depreender a existência duma intensa ligação inter-sectorial que esta actividade mantém com o sector formal da economia. Esta ligação manifesta-se em termos de **inputs**, especialmente de **Inputs** básicos que o sector informal necessita para produzir. Neste caso da serralharia, a matéria prima é na sua totalidade obtida nas grandes empresas formais, independentemente dos métodos irregulares de obtenção.

Em termos de mão-de-obra, poder-se-ão identificar ligações desta actividade com o sector formal. Estes trabalhadores em muitos casos, obtiveram formação no sector formal antes da sua desvinculação, podendo lá regressar quando for possível. Referindo-se a isto, o (BIT, 1991), acha que o sector não estruturado é uma reserva de mão-de-obra do sector moderno pois pode recorrer a ele em caso de expansão das actividades e drenar para lá em caso de recessão. E por isso que a relação entre os dois sectores neste aspecto, é muito variável, podendo segundo o BIT, (1991), encontrar-se o caso de vendedores ambulantes dirigidos por grandes empresas.

Esta mão-de-obra, ao criar valor através da sua actividade no sector informal de serralharia, corresponde à mais clara contribuição económica deste



sector na economia, pois além do rendimento que ela gere, permite a circulação da moeda.

As informações que a seguir se irão analisar, reflectem estas relações acima referidas, sendo a partir delas que se poderá entender a existência e continuidade do sector formal.

## CAPITULO 5

### Dificuldades Enfrentadas pelo Sector Informal na cidade de Maputo

Não obstante as actividades informais no geral garantirem a maior parte dos rendimentos das famílias pobres urbanas, não é fácil a coabitação entre o formal e o informal sobretudo quando o ambiente económico é ditado pelos princípios da procura e da oferta.

A variabilidade mínima e a sobrevivência são as preocupações principais dos empregadores e empregados, daí que se procure um ponto intermédio que não permita a ruptura em ambos.

Analisando as informações obtidas no inquérito e complementadas por instituições ligadas ao apoio de micro-empresas constata-se que nas seguintes principais dificuldades:

Factores de ordem processual e a política fiscal são outro entrave à produção informal. A política fiscal materializada através dos impostos é bastante penalizante tendo em conta os rendimentos das micro-empresas. Por outro lado, o regime de licenciamento comporta exigências marcadamente desencorajadoras, daí que uma parte delas permaneça sem licença.

Os locais onde funcionam as micro-empresas não permitem uma boa organização do trabalho. O problema advém em parte do facto do local de trabalho coincidir com o local de habitação.

A baixa tecnologia que está ligada à fraca produtividade das micro-empresas constitui um dos grandes problemas do sector informal.

O acesso ao crédito é nulo daí que seja difícil um investimento à altura de reverter favoravelmente a situação das empresas informais. São exigidas

garantias bancárias ou participação monetária ou em bens que não estão ao alcance dos proprietários das empresas.

## **CAPITULO 6**

### **CONCLUSOES**

A Indústria informal de serralharia é uma actividade que envolve trabalhadores anteriormente afectos às grandes empresas do sector formal da economia.

Consoante a motivação e capacidade financeira daqueles trabalhadores, saíram ou foram dispensados dos anteriores empregos, transformando-se em alguns casos, em patrões e noutros em trabalhadores assalariados.

Os trabalhadores da indústria informal de serralharia não são o resultado da migração campo-cidade. Pelo número de anos em que residem na cidade e pelo local de nascimento, afasta-se aquela hipótese. A maioria foi trabalhadora em empresas do sector formal onde se supõe que tenha sido desvinculada no processo de racionalização da força de trabalho, ou então foi despedida devido ao encerramento de empresas descapitalizadas. Os patrões e trabalhadores, 47.3% e 43.6%, respectivamente, abandonaram os anteriores empregos devido a questões salariais, refugiando-se no sector informal. Estas situações verificaram-se com maior incidência após introdução do PRE.

A situação de desemprego ou subemprego em que grande parte da população está sujeita, constitui motivação para o seu trabalho no sector informal, procurando deste modo complementar os seus proventos mensais.

A situação financeira dos dois tipos de trabalhadores - patrões e trabalhadores assalariados, tende a distanciar-se quando aumenta a receita proveniente da actividade de serralharia, por parte dos primeiros.

A localização espacial das micro-empresas de serralharia, não obedece a princípios rígidos, e, varia consoante as possibilidades económicas de cada patrão. Normalmente, as instalações influenciam a localização daquelas unidades de produção, dado que, as despesas inerentes à sua compra, aluguer, ou construção, são avultados.

O estudo provou que a escolha de local de produção naquele sector, não é feita deliberadamente. Recorre-se às instalações onde é possível laborar, independentemente das condições.

A localização do mercado de venda do produto final, constitui outro motivo de peso na instalação daquele tipo de indústria. Os produtos de serralharia são procurados por grande parte da população que habita os bairros onde eles são fabricados. Constatou-se a existência de patrões que vivendo longe dos bairros populosos, onde há clientes, preferem instalar as suas indústrias mesmo em dependências de amigos. Este é um facto que confirma a importância do mercado de venda de produtos e densidade populacional, na localização das serralharias.

A energia eléctrica é determinante para o funcionamento das micro-empresas de serralharia, pois o diverso equipamento utilizado no processo de produção é eléctrico. É deste modo que as serralharias informais funcionando a céu aberto, ou em garagens, tenham que estar adstritas a residências com energia eléctrica.

A informalidade manifesta-se a dois níveis, em empresas licenciadas a título precário, e nas não licenciadas. O licenciamento do exercício da actividade industrial de serralharia, sendo feito às grandes, médias, pequenas e micro-empresas, tem como objectivo a coleta de impostos e não um disciplinamento

daquela actividade. Às pequenas e micro-empresas, a delimitação entre uma e outra, é inexistente, não obstante as exigências e a situação jurídica serem diferentes.

Empresas licenciadas, devido à falta de rentabilidade económica das suas actividades, penetram nos canais da informalidade. Essas permitem o descaminho de produtos ou matéria prima para venda fora da empresa sem pagamento dos impostos devidos. Este procedimento faz crer que o sector formal contribui para a existência e continuidade do sector informal. Por outro lado, permite a sobrevivência das grandes empresas.

A relação de dependência mútua entre os dois sectores se confirma, do mesmo modo que também a complementariedade entre eles se verifica. A relação de complementariedade verifica-se também entre a actividade informal de serralharia e outros sectores da vida económica, como é o caso da construção civil, Agricultura, transportes e serviços.

<sup>13</sup>As pessoas envolvidas na indústria informal de serralharia, considerando os proprietários de micro-empresas e respectivos trabalhadores, apresentam características diferentes de outras actividades informais. São trabalhadores do sexo masculino, com idade superior a 15 anos.

Não é usual o emprego de menores nesta indústria devido às suas características, embora se verifiquem casos isolados de formação no trabalho de trabalhadores naquela condição.

Os trabalhadores informais na serralharia possuem uma formação profissional mínima obtida no actual ou em empregos anteriores.

As relações estabelecidas entre o sector informal de serralharia, e outros sectores de actividade constituem matéria que suporte a conveniência de

---

<sup>13</sup> Segundo, as empresas classificam-se de acordo com o número de trabalhadores de trabalhadores considerando-se grandes as que possuem mais de 100 trabalhadores, a média, até 50 e pequena de 10 a 50.

manutenção da actividade informal devido ao contributo que ele dá no suprimento das necessidades da população. Contudo, paralelamente a a isto, medidas de disciplinamento e apoio daquela actividade deveriam ser tomadas.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 - AMARAL, J. e Garragory F.L. "*Alguns Antecedentes Sobre o Sub-sector Metal-Mecânico*", Projecto DP/MOZ/014 Documento de Campo nº 24, Novembro 1992.
- 2 - ANDRADE, Ximena. *Para uma Reflexão sobre o Sector Informal Cidadino*. In "Estudos Moçambicanos". Publicação nº 11/12, 1992. Maputo pp. 79-92.
- 3 - ARNALDO, Carlos. *Comércio Informal e Ocupação da Força de Trabalho no Bairro da Malanga*, 1996 - Trabalho para a obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia, Faculdade de Letras, U.E.M., Maputo, (Moçambique).-
- 4 - BANNOCK, Grahon et al - *Dicionário de Economia*, Editora Verbo, Lisboa - São Paulo.
- 5 - BIT - Bureau International du Travail. *Le Dilemme Du Secteur Non Structuré*. Geneve, 1991. Rapport du Directeur General.
- 6 - CACHERO, Luis - *Diccionario de Sociologia*, México, FCE, 1949.
- 7 - CAVALCANTI, Clóvis. *Viabilidade do Sector Informal: A Demanda de Pequenos Serviços no Grande Recife*. Edições IJNPS, 1978 - Série Estudos e Pesquisas.
- 8 - DA SILVA, Fernando M. Ferreira - *Tecnologia de Serralharia Mecânica* 1º Tomo, Lisboa.
- 9 - DNE - Direcção Nacional de Estatísticas, *Inquérito às Famílias na Cidade de Maputo*. nº 3 - Volume I, Série Inquérito às Famílias, 1993.

- 10 - DE VLETTER, Fion - *Sector Informal Urbano: A Maioria Negligenciada* in "Revista Tempo" nº 1141 Agosto 1992.
- 11 - DE VLETTER, Fion - *Sector Informal Urbano: Sabemos o Que é Quando Vemos* in "Revista Tempo" nº 1341, Março 1992.
- 12 - DERREAU, Max - *Geografia Humana II*, Editora Presença, Portugal - 1973.
- 13 - Direcção Nacional de Estatística: *Inquérito às Famílias na Cidade de Maputo*. nº 3 Volume I, Serie Inquérito às Famílias, 1993
- 14 - DO AMARAL, Wanda *Guia para Apresentação de Teses, Dissertações, Trabalhos de Graduação*. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1995.6 - ECO, Umberto. *Como se faz uma Tese*. Editora Perspectiva, S.A. S. Paulo, Brasil - 1986.
- 15 - DOS MUCHANGOS, Aniceto - *Meio Ambiente: A Cidade de Maputo, Problemas do Meio Ambiente na Cidade Maputo* - INPF, 1986 - Maputo (Moçambique).
- 16 - ECO, Humberto - *Como Se Faz Uma Tese*, Editora Perspectiva S.A., S. Paulo, Brasil, 1986.
- 17 - GIL, António C., *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*, Atlas, São Paulo, 1988.
- 18 - IBRAIMO, Maimuna - *Crescimento da População Urbana e Problemas da Urbanização da Cidade de Maputo* - Série População e Desenvolvimento DOC. nº 1 - UPP, 1994.
- 19 - INPF, DINAGECA - *Moçambique: Divisão Territorial*, 1986, Maputo (Moçambique).



- 20 - KNOWELS, R. e J. Wareing - *Economic and Social Geography*, Made Simple Books; Oxford, pp 184-210, 1990.
- 21 - MARIE, Anne - *Women Count But Are Not Counted in "Industry Africa"* nº 8, 1995 - UNIDO.
- 22 - MAÛSSE, Argentina - *Setor Informal: O Caso dos Latoeiros na Cidade de Maputo*, Trabalho para Licenciatura em Economia, Faculdade de Economia, U.E.M. Maputo (Moçambique).
- 23 - MARCONI, M. A. & Lakatos, M. E - *Técnicas de Pesquisa*, Atlas, São Paulo, 1985.
- 24 - Mendes, Maria Clara - *Maputo Antes da Independência: Geografia de Uma Cidade Colonial*, nº 68 II Série - Centro de Documentação e Informação do IICT - Lisboa, 1985.
- 25 - NHACHUNGUE, Erasmo - *Estudo sobre Resíduos Industriais das Cidades de Maputo e Matola*, 1990 - Grupo de Trabalho Ambiental, INPF.
- 26 - PREALC, Programa Regional del Empleo para América Latina y el Caribe. *El Sector Informal: Quince Anos Despues* - Santiago, OIT nº 316, Diciembre - 1987.
- 27 - OIT - International Labour Organisation. *Statistics of Employment in the Informal Sector*, (Rapport III). 28 Jan. 1993, Geneva, 1993.
- 28 - PNUD/ONUDI e MINISTÉRIO DA INDUSTRIA E ENERGIA - *Estudo Compreensivo do Sub-Sector da Indústria Metal-Mecânica*, Projecto DP/MOZ/86/014, Maio 1993.
- 29 - PREALC, Programa Regional del Empleo para América Latina y el Caribe. *El Sector Informal Hoy: El Imperativo de Actuar*. Santiago, OIT nº 314, Diciembre - 1987.

30 - PROGRAMA ESTRATEGICO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL - MIE, Agosto 1993.

31 - ROCHA, Adão - *A Micro-Empresa, Incluindo o Sector Informal em Zonas Urbanas, Semi-urbanas e Peri-urbanas*. ONIDO, 1993 - Maputo (Moçambique).

32 - SANTOS, Daniel - *Avaliação da Actividade Económica Global e Económica não Registada: A importância da Contribuição dos Inquéritos às Famílias para Medir o Sector Informal*, Guiné Bissau, 1994.

33 - SIP, Sociedade Inter-americana de Planificacion: *Políticas y Estrategias de Planificación Ante los Nuevos Desafios del Subdesarrollo*, Guatemala, 1ª Edición - 1990.

34 - UAP - Unidade de Alívio à Pobreza, *Estratégia para a Redução da Pobreza em Moçambique*. Maputo (Moçambique), Março 1995.

35 - UNIDO - United Nations Industrial Development Organization: *Survey of Small -Scale Industries and Indigenous Ownership in Zimbabwe*. DP/ID/Série A/1650, 1993 - Volume I.

36 - UNIDO - *La Mujer en el Sector Manufacturero*, 1995.

37 - WOILLET, Jean Claude et al - *Pour Une Promotion Des Micro et Petites Entreprises Artisanales a São Tomé et Príncipe* - BIT, Genève, Août - 1991.

## UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

## FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

INQUÉRITO AOS SERRALHEIROS DO SECTOR INFORMAL

CIDADE DE MAPUTO

BOLETIM N° \_\_\_\_\_

## I. IDENTIFICAÇÃO

Distrito Urbano n° \_\_\_\_\_

Bairro de \_\_\_\_\_ Quarteirão n° \_\_\_\_\_

Nome do Inquiridor \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_

Nome da Unidade de Produção \_\_\_\_\_

Número de Trabalhadores \_\_\_\_\_

-----  
\_\_\_\_\_

## II. IDENTIFICAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO PATRAO/GERENTE

1. Nome \_\_\_\_\_

2. Sexo (Assinale com x)

1. Masculino \_\_\_\_\_

2. Feminino \_\_\_\_\_

3. Indique a idade \_\_\_\_\_

4. Estado civil

1. Solteiro \_\_\_\_\_
  2. Casado \_\_\_\_\_
  3. Outro \_\_\_\_\_
5. Onde nasceu? .
1. Província \_\_\_\_\_
  2. Distrito \_\_\_\_\_
6. Qual é o seu bairro de residência? \_\_\_\_\_
7. Há quanto tempo reside neste bairro?
1. De 0 a 3 anos \_\_\_\_\_
  2. De 4 a 10 anos \_\_\_\_\_
  3. Há mais de 10 anos \_\_\_\_\_
8. Qual é a sua actual profissão? \_\_\_\_\_
9. Indique o ramo de Actividade \_\_\_\_\_
10. Há quanto tempo trabalha nesta profissão? \_\_\_\_\_
11. Frequentou algum curso de formação ligado ao actual emprego?
1. Sim \_\_\_\_\_
  2. Não \_\_\_\_\_
12. Qual? \_\_\_\_\_
13. Se sim, indique onde:
1. Neste emprego \_\_\_\_\_
  2. Noutro emprego \_\_\_\_\_
  3. Numa escola \_\_\_\_\_
  4. Outro \_\_\_\_\_
14. Já teve outro emprego?
1. Sim \_\_\_\_\_
  2. Não \_\_\_\_\_
15. Se já teve, indique qual \_\_\_\_\_
16. Onde? \_\_\_\_\_
17. O que fazia? \_\_\_\_\_
18. Porque deixou?
1. Foi despedido \_\_\_\_\_
  2. Fechou a empresa \_\_\_\_\_
  3. O salário era baixo \_\_\_\_\_
  4. Outro motivo \_\_\_\_\_

### III. SITUAÇÃO DA EMPRESA

19. A empresa é (Marque com x)
1. Em nome individual \_\_\_\_\_
  2. Sociedade \_\_\_\_\_
  3. Cooperativa \_\_\_\_\_
20. Está licenciada:
1. A título precário \_\_\_\_\_
  - 2 Não licenciada \_\_\_\_\_
21. Sendo licenciada, quais são as vantagens e/ou desvantagens
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
22. Se não está licenciada, porquê? \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
23. Há quanto tempo iniciou as suas actividades? \_\_\_\_\_
24. Paga Imposto?
1. Sim \_\_\_\_\_
  2. Não \_\_\_\_\_
25. Onde funciona a sua empresa?
1. Instalações próprias \_\_\_\_\_
  2. Garagem ou dependência alugada \_\_\_\_\_
  3. Na residência \_\_\_\_\_
  4. Outro \_\_\_\_\_
26. As instalações são de:
1. Caniço e pau \_\_\_\_\_
  2. Caniço e zinco \_\_\_\_\_
  3. Madeira e zinco \_\_\_\_\_
  4. Cimento coberto a zinco ou lusalite \_\_\_\_\_
  5. Moradia \_\_\_\_\_
  6. Outro \_\_\_\_\_
27. O chão é de:
1. Terra batida \_\_\_\_\_
  2. Cimento \_\_\_\_\_
  3. Madeira \_\_\_\_\_
  4. Outro \_\_\_\_\_
28. A água que consome provém
1. Canalização em casa \_\_\_\_\_
  2. Canalizada em casa do vizinho \_\_\_\_\_
  3. Fontenário público \_\_\_\_\_
  4. Poço \_\_\_\_\_

5.Outro \_\_\_\_\_

29. As instalações tem energia eléctrica?

- 1. Sim \_\_\_\_\_
- 2. Não \_\_\_\_\_

30. Porque é que escolheu este local para a instalação da sua empresa? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### IV. FINANCIAMENTO

31. O financiamento inicial da sua actividade foi com base em:

- 1. Capitais próprios \_\_\_\_\_
- 2. Empréstimo bancário ou de ONG \_\_\_\_\_
- 3. Ajuda familiar \_\_\_\_\_
- 4. Xitique \_\_\_\_\_
- 5. Outras fontes \_\_\_\_\_

#### V. TECNOLOGIA

32. Que tipo de equipamento utiliza:

- 1. Máq. de Soldar Eléctrica \_\_\_\_\_
- 2. Máq. de Soldar Oxi-Acetileno \_\_\_\_\_
- 3. Torno de Bancada \_\_\_\_\_
- 4. Serrote de Folhas \_\_\_\_\_
- 5. Martelo \_\_\_\_\_
- 6. Chave de Fendas \_\_\_\_\_
- 7. Escopro \_\_\_\_\_
- 8. Tesoura \_\_\_\_\_
- 9. Alicates \_\_\_\_\_
- 10. Outro \_\_\_\_\_

33. Onde adquiriu o equipamento?

- 1. No país \_\_\_\_\_
- 2. Fora do país \_\_\_\_\_

#### VI. APROVISIONAMENTO EM MATERIA PRIMA

34. Que tipo de matéria prima utiliza e qual é o preço?

Tipo de M. Prima	Preço	Unidade
1.	_____	_____
2.	_____	_____
3.	_____	_____
4.	_____	_____

35. Onde adquire a matéria prima?

1. Nos estabelecimentos comerciais \_\_\_\_\_
2. No mercado paralelo \_\_\_\_\_
3. Em vendedores ambulantes \_\_\_\_\_
4. No estrangeiro \_\_\_\_\_

36. Como adquire a matéria prima?

1. Desloca-se para a sua compra \_\_\_\_\_
2. Recebe-a no próprio local de trabalho \_\_\_\_\_

37. Quando compra a matéria prima:

1. Por mês \_\_\_\_\_
2. Semana \_\_\_\_\_
3. Dia \_\_\_\_\_
4. Quando acaba \_\_\_\_\_
5. Outro \_\_\_\_\_

38. Qual é a distância entre a sua empresa e o local onde adquire a matéria prima?

1. De 0 a 1 Kilómetro \_\_\_\_\_
2. De 2 a 5 Kilómetros \_\_\_\_\_
3. De 6 em diante \_\_\_\_\_

#### VII. PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

39. O que é que a empresa fabrica?

Preço

- |   |       |
|---|-------|
| 1. Grades metálicas                     | _____ |
| 2. Portas metálicas                     | _____ |
| 3. Base para camas                      | _____ |
| 4. Carrinhos de mão (Txova Xita-Duma)   | _____ |
| 5. Take Away                            | _____ |
| 6. Carrinhos para vendedores ambulantes | _____ |
| 7. Para-choques                         | _____ |
| 8. fogões a carvão                      | _____ |
| 9. Outros                               | _____ |

40. A venda é feita por :

1. Encomenda \_\_\_\_\_
2. Na empresa \_\_\_\_\_
3. Ambulante \_\_\_\_\_
4. No mercado \_\_\_\_\_
5. Outro \_\_\_\_\_

41. Sendo ambulante, onde vende?

1. Bairros \_\_\_\_\_
2. Ruas \_\_\_\_\_
3. Casas \_\_\_\_\_
4. Outro \_\_\_\_\_

42. Caso seja no mercado diga a que distância ele está da empresa

1. De 0 a 1 Kilómetro \_\_\_\_\_
2. De 2 a 5 Kilómetros \_\_\_\_\_
3. De 6 em diante \_\_\_\_\_

43. Indique quais são os principais compradores dos produtos:

1. Estabelecimentos comerciais \_\_\_\_\_
2. Pessoas singulares \_\_\_\_\_
3. Empresas \_\_\_\_\_
4. Instituições do Governo \_\_\_\_\_
5. Outros \_\_\_\_\_

44. Que produtos são mais comprados e por quem? (sirva-se dos 5 Itens da pergunta 43 para os compradores)

	Ordem de compra (a, b, c, etc.)	Compradores
1. Grades metálicas	_____	_____
2. Portas metálicas	_____	_____
3. Base para camas	_____	_____
4. Carrinhos de mão (Txova Xita-Duma)	_____	_____
5. Take Away	_____	_____
6. Carrinhos para vendedores ambulantes	_____	_____
7. Para-choques	_____	_____
8. Fogões a carvão	_____	_____
9. Outros	_____	_____

45. Na sua opinião onde se localizam os principais compradores? \_\_\_\_\_

46. Que dificuldades tem tido neste negócio?

1. Financiamento \_\_\_\_\_
2. Aquisição da matéria prima \_\_\_\_\_
3. Falta de clientes \_\_\_\_\_
4. Licenciamento \_\_\_\_\_
5. Transporte \_\_\_\_\_
6. Flutuação dos preços de M. Prima \_\_\_\_\_
7. Outras \_\_\_\_\_

47. Acha que o rendimento da empresa dá para o sustento da sua família? \_\_\_\_\_



VIII. MAO-DE-OBRA

<p>Trabalhador 1</p> <p>48. Qual é o grau de parentesco em relação ao patrão</p> <p>1. Filho _____</p> <p>2. Irmão/sobrinho _____</p> <p>3. Outro _____</p> <p>49. Sexo</p> <p>1. Masculino _____</p> <p>2. Feminino _____</p> <p>50. Idade _____</p> <p>51. Estado civil</p> <p>1. Solteiro _____</p> <p>2. Casado _____</p> <p>52. Local de Nascimento</p> <p>1. Província _____</p> <p>2. Distrito _____</p> <p>53. Residência _____</p> <p>54. Há quanto tempo vive neste bairro?</p> <p>1. De 0 a 3 anos _____</p> <p>2. De 4 a 10 anos _____</p> <p>3. De 10 anos em diante _____</p> <p>55. Qual é a sua profissão?</p> <p>_____</p> <p><del>56. Ramo actividade _____</del></p> <p>57. Teve alguma formação profissional _____</p> <p>58. Se sim, qual? _____</p> <p>59. onde?</p> <p>1. Neste emprego _____</p> <p><del>2. Noutro emprego _____</del></p> <p><del>3. Numa escola _____</del></p> <p><del>4. Outro _____</del></p> <p><del>60. Há quanto tempo trabalha nesta profissão? _____</del></p> <p>61. Já teve outro emprego?</p> <p>1. Sim _____</p> <p>2. Não _____</p> <p>62. O que fazia? _____</p> <p>63. Onde? _____</p> <p>64. Porque deixou?</p> <p>1. Foi despedido _____</p> <p>2. Fechou a empresa _____</p>	<p>Trabalhador 2</p> <p><del>65. Qual é o grau de parentesco em relação ao patrão</del></p> <p><del>.....1. Filho.....</del></p> <p><del>.....2. Irmão/sobrinho.....</del></p> <p><del>.....3. Outro.....</del></p> <p><del>66. Sexo</del></p> <p><del>.....1. Masculino</del></p> <p><del>.....2. Feminino</del></p> <p><del>67. Idade.....</del></p> <p><del>68. Estado civil</del></p> <p><del>.....1. Solteiro.....</del></p> <p><del>.....2. Casado.....</del></p> <p><del>69. Local de Nascimento</del></p> <p><del>.....1. Província.....</del></p> <p><del>.....2. Distrito.....</del></p> <p><del>70. Residência.....</del></p> <p><del>71. Há quanto tempo vive neste bairro?</del></p> <p><del>.....1. De 0 a 3 anos.....</del></p> <p><del>.....2. De 4 a 10 anos.....</del></p> <p><del>.....3. De 10 anos em diante.....</del></p> <p>72. Qual é a sua profissão?</p> <p>_____</p> <p><del>73. Ramo actividade _____</del></p> <p>74. Teve alguma formação profissional _____</p> <p>75. Se sim, qual? _____</p> <p>76. onde?</p> <p>1. Neste emprego _____</p> <p><del>2. Noutro emprego.....</del></p> <p><del>3. Numa escola.....</del></p> <p><del>4. Outro.....</del></p> <p><del>77. Há quanto tempo trabalha nesta profissão?.....</del></p> <p>78. Já teve outro emprego?</p> <p>1. Sim _____</p> <p>2. Não _____</p> <p>79. O que fazia? _____</p> <p>80. Onde? _____</p> <p>81. Porque deixou?</p> <p>1. Foi despedido _____</p> <p>2. Fechou a empresa _____</p>
--	---